



**INSTITUTO
FEDERAL**
Rio de Janeiro

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro

Campus Realengo

Graduação em Terapia Ocupacional

Nathália de Oliveira Monteiro da Silva

**A ATUAÇÃO DO TERAPEUTA
OCUPACIONAL NO PROJETO
“DESPORTO EM AÇÃO” E A SUA
RELAÇÃO COM O PAPEL OCUPACIONAL
DE ATLETAS NO ESPORTE ADAPTADO**

Rio de Janeiro

2020

NATHÁLIA DE OLIVEIRA MONTEIRO DA SILVA

A ATUAÇÃO DO TERAPEUTA OCUPACIONAL NO PROJETO “DESPORTO EM AÇÃO” E A SUA RELAÇÃO COM O PAPEL OCUPACIONAL DE ATLETAS NO ESPORTE ADAPTADO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ) – Campus Realengo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Terapia Ocupacional.

Orientadora: Prof.^a Marcelle C. Queiroz Graça.

Rio de Janeiro
2020

NATHÁLIA DE OLIVEIRA MONTEIRO DA SILVA

A ATUAÇÃO DO TERAPEUTA OCUPACIONAL NO PROJETO “DESPORTO EM AÇÃO” E A SUA RELAÇÃO COM O PAPEL OCUPACIONAL DE ATLETAS NO ESPORTE ADAPTADO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ) – Campus Realengo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Terapia Ocupacional.

Orientadora: Prof.^a Marcelle C. Queiroz Graça.

Aprovado em ____/____/____

Banca Examinadora

Prof^a Especialista Marcelle Carvalho Queiroz Graça - (Orientadora)
Instituto Federal Rio de Janeiro – (IFRJ)

Prof^a Doutora Lilian Dias Bernardo (Co-Orientadora)
Instituto Federal Rio de Janeiro – (IFRJ)

Prof^a. Mestre Márcia Dolores Carvalho Gallo (Membro titular)
Instituto Federal Rio de Janeiro – (IFRJ)

Especialista Kathiane Dantas de Oliveira (Membro titular)
Educadora Física – Comissão de Desporto da Aeronáutica

Especialista Cleide Fernandes Carneiro (Membro suplente)
Terapeuta Ocupacional – SMS Rio de Janeiro

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que me conduziu durante toda vida, em especial na escolha da minha profissão. Deu-me paz e me guiou como filha a fazer tudo com zelo e dedicação.

Ao meu esposo Victor, que foi paciente, amigo e tão carinhoso nessa trajetória. Diversas vezes estudou comigo, inclusive as matérias mais difíceis. Toda conquista será dedicada à nossa família.

Aos meus pais Giovane e Patrícia que se dedicaram, se doaram e me apoiaram em toda a minha vida. Foram meus primeiros professores e melhores amigos.

À minha irmã Giovana, parceira de estudos, que sempre teve aquela frase para me falar: “Você vai conseguir!” Dando-me todo o apoio que precisava na escolha da minha profissão.

Aos meus avós Luzia e José que sempre estiveram presentes para me apoiar. Exemplos de amor puro e sincero. Em especial meu avô, que Deus o tenha, que me levou nos dias mais importantes da minha vida, inclusive na matrícula da faculdade.

Às minhas professoras e orientadoras, Marcelle Graça, Lilian Dias e Adriana Sathler, que sempre foram tão solícitas como professoras e amigas de profissão. Aprendi muito com elas!

Aos meus professores do IFRJ – Realengo - exemplos como terapeutas ocupacionais, competentes nas suas atribuições e dedicação ao ensino, uma habilidade que gera sonhos.

Sou grata aos técnicos, colegas de turma, profissionais dos serviços gerais e a coordenação do Curso de Terapia Ocupacional que participaram ativamente da minha formação acadêmica, me acolhendo e derrubando muitas barreiras para possibilitar essa conquista.

Ao meu amigo, o terapeuta ocupacional Heitor Vaselechen Rodrigues Teixeira que atua no esporte adaptado, foi uma inspiração nessa linha de pesquisa, que hoje agradeço de coração.

À amiga Lidiane Barbosa Oliveira Souza, caloura que se tornou uma irmã para mim; sempre esteve ali com uma palavra amiga, com um ombro para eu

chorar nos momentos mais difíceis e sempre foi àquela pessoa de coração pronto a me ajudar, independentemente de qual fosse a situação.

Deixo aqui minha gratidão aos atletas participantes desse estudo que estiveram comigo, lado a lado, compartilhando suas vontades e metas alcançadas, enchendo meu coração de alegria.

Agradeço à banca examinadora que mesmo durante o isolamento, garantiram a apresentação do meu TCC.

“Mesmo que você crie um forte senso de propósito para sua vida, alimente a esperança nas possibilidades e a fé no futuro, reconheça seu próprio valor, mantenha uma atitude positiva e se recuse a permitir que os medos imponham limites, ainda assim vai enfrentar dissabores e decepções. Nunca pense nos fracassos como algo definitivo nem os compare à morte, porque a realidade é que, em suas lutas, você experimenta a vida. Você está no jogo. Os desafios e obstáculos que encaram podem nos ajudar a ficar mais fortes, melhores e mais preparados para o sucesso.” (Nick Vujicic)

RESUMO

O objetivo dessa pesquisa foi compreender a atuação do terapeuta ocupacional e a sua relação com o papel ocupacional do atleta no esporte adaptado. Para tanto, foi realizada uma pesquisa por triangulação de dados de documentos de 2017 a 2020 de múltiplos casos de militares reformados do projeto “DesporTO em ação: Terapia Ocupacional no desporto e paradesporto”, do Instituto Federal de Ciência, Educação e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ). O principal achado deste trabalho foi a descrição das intervenções do terapeuta ocupacional no esporte adaptado e a melhora do gesto esportivo, que permitiu a participação em competições e ganhos de medalhas conforme as classificações funcionais. Além disso, evidenciou-se a criação de expectativas futuras, melhora nas atividades cotidianas que consequentemente ampliaram o repertório ocupacional e possibilitaram o papel ocupacional de atleta. Este trabalho permite somar na literatura científica e contribuir para a visibilidade da atuação do terapeuta ocupacional junto a pessoas com deficiência no esporte adaptado. Ademais, possibilitar às pessoas com deficiências o direito a prática esportiva através da expertise de uma equipe multidisciplinar e principalmente com a atuação do terapeuta ocupacional.

Palavras-chave: Terapia Ocupacional; Papéis Ocupacionais; Esporte Adaptado; Desempenho Esportivo; Desempenho Ocupacional.

ABSTRACT

The objective of this search was to understand the role of the occupational therapist and its relation with the occupational role of the athlete in adapted sports. For this purpose, a survey was carried out by data triangulation of documents from 2017 to 2020 of multiple cases of retired military personnel from the project "Sports in action: Occupational Therapy in sport and sports", from the Instituto Federal de Ciência, Educação e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ). The main finding of this work was the description of the occupational therapist's interventions in adapted sports and the improvement of the sports gesture, which allowed participation in competitions and medal gains according to the functional classifications. Also, the creation of future expectations was evidenced, improvement in daily activities that consequently expanded the occupational repertoire and enabled the occupational role of athlete. This work allows adding to the scientific literature and contribute to the visibility of the occupational therapist's performance with people with disabilities in adapted sports. In addition, to enable people with disabilities the right to practice sports through the expertise of a multidisciplinary team and mainly with the work of the occupational therapist.

Keywords: Occupational Therapy; Occupational roles; Adapted Sports; Sports Performance; Occupational Performance.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Perfil dos atletas	21
QUADRO 2 - Intervenções terapêuticas ocupacionais e resultados.....	24
QUADRO 3 - Percepções da Terapia Ocupacional no esporte e desempenho das atividades pelos atletas.	29
QUADRO 4 - Modalidade esportiva, Classificação funcional e categorização do esporte como lazer ou trabalho	30
QUADRO 5 - Ganhos esportivos.....	32
QUADRO 6 - Impacto da pandemia na rotina do atleta.....	34

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADM	Amplitude de Movimento
AIVD	Atividade Instrumental de Vida Diária
AVD	Atividade de Vida Diária
AVE	Acidente Vascular Encefálico
AOTA	American Occupational Therapy Association
CDA	Comissão de Desporto da Aeronáutica
CID	Classificação Internacional de Doenças
CIF	Classificação Funcional de Funcionalidade
CF	Classificação Funcional
COPM	Medida Canadense de Desempenho Ocupacional
COVID	Corona Virus Disease
CPB	Comitê Paraolímpico Brasileiro
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFRJ	Instituto Federal de Ciências, Educação e Tecnologia do Rio de Janeiro
LM	Lesão Medular
MMII	Membros Inferiores
MMSS	Membros Superiores
MS	Ministério da Saúde
ODS	Objetivos de Desenvolvimento Sustentável
OMS	Organização Mundial de Saúde
ONU	Organizações das Nações Unidas
PCD	Pessoa com Deficiência
SIC	Segundo Informa Consulente
SGB	Síndrome de Guillain Barré
SUS	Sistema Único de Saúde
TCE	Traumatismo Crânio Encefálico
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TO	Terapeuta Ocupacional
UN DESA	United Nations Department of Economic and Social Affairs

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	OBJETIVOS	16
2.1	Objetivo geral.....	16
2.2	Objetivo específico.....	16
3	METODOLOGIA	17
3.1	Desenho e local de estudo.....	17
3.2	Critérios de inclusão.....	17
3.3	Critérios de exclusão.....	17
3.4	Procedimentos	17
3.5	Aspectos éticos.....	18
3.6	Análise de dados.....	18
4	RESULTADOS	20
5	DISCUSSÃO	38
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
	REFERÊNCIAS	48
	ANEXOS	60

1 INTRODUÇÃO

Deficiências são impedimentos nas funções ou nas estruturas do corpo - desvios ou perdas que representam dificuldades na funcionalidade, ou seja, limitações e restrições para realizar as atividades, podendo gerar também restrições na participação social (OMS, 2011; UN DESA, 2018).

A Classificação Internacional de Funcionalidade (CIF), aprovada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) em 2001, rediscute o conceito de funcionalidade, estabelece uma linguagem comum com enfoque nas potencialidades do indivíduo, contextos ambientais e pessoais que interferem na função e na experiência de saúde (OMS, 2004; NUBILA; BUCHALLA, 2008; SUS, 2020b).

Segundo o IBGE (2010a) 24% da população brasileira apresenta algum tipo de deficiência e possuem perspectivas ruins de saúde, com previsão de aumento desse quantitativo no decorrer dos anos (OMS, 2011). Parte disso é devido às barreiras de acesso aos serviços de saúde, o aumento do custo de vida e a pouca participação das Pessoas com Deficiência (PCD) nos processos públicos de tomada de decisões sobre os seus próprios direitos (ONU BRASIL, 2011).

O conceito de saúde, como acima mencionado, foi ampliado para um conjunto de fatores como: moradia, alimentação, trabalho, lazer, entre outros, que irão influenciar a vivência do bem-estar (SUS, 2020a). Entretanto, a invisibilidade das PCD, se apresenta como uma barreira para criação de políticas públicas que defendam seus interesses (ONU BRASIL, 2011).

A Convenção Internacional sobre os direitos das pessoas com deficiência (BRASIL, 2009), o Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência - Plano Viver sem Limite e a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência Nº 13.146, DE 6 DE JULHO DE 2015 (BRASIL, 2015) foram marcos que fortaleceram o compromisso do Estado na garantia de direitos e na construção de políticas públicas para alcançar a igualdade de oportunidades e autonomia. Permitir a interação da PCD com o ambiente é possibilitar a sua plena participação e inclusão na sociedade (BRASIL, 2013; BRASIL, 2015; SUS, 2020c).

A deficiência está citada em várias partes na agenda 2030 dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) no propósito de “Não deixar ninguém para trás” (UN DESA, 2018, p.27), ou seja, construir um futuro inclusivo que ofereça a possibilidade de cada pessoa desenvolver seu potencial, incluindo o esporte (ONU BRASIL, 2019).

O esporte adaptado iniciou-se no fim da Segunda Guerra Mundial, por meio do médico Sir Ludwig Guttmann, atendia militares e civis que sofreram lesão medular (LM). Ao usar o esporte para estimular os pacientes percebeu a sua potencialidade para a reabilitação, após a melhora das habilidades cerebrais nestes pacientes (GUTTMANN *et al*, 1967).

Silva *et al* (2013), apontam que o esporte adaptado é uma prática esportiva modificada para atender as particularidades das PCD, sendo potente na promoção do bem-estar físico, autoeficácia, autoestima e na participação desses. Além de favorecer a execução das Atividades de Vida Diária (AVD) (CÔTÉ-LECLERC, 2017).

A OMS indica como ferramenta estratégica de inclusão e desenvolvimento social as atividades físicas e desportivas, principalmente por combater o sedentarismo e promover saúde, inclusive para as pessoas com deficiência (WHO, 2018). Somada a essa informação, a ONU em 2019 colocou em pauta de discussão, o tema: “Esporte para todos, pela paz e pelo desenvolvimento”, reafirmando que o esporte viabiliza a dignidade de todas as pessoas (ONU BRASIL, 2018; ONU BRASIL, 2019).

O esporte para o terapeuta ocupacional (TO) pode estar compreendido na ocupação laboral – carreira – atividade de alto rendimento (CAMPOS; CAPPELLE; MACIEL, 2017; LAZERA, 2017; SILVA, 2020; TEIXEIRA, 2020), ser identificado como uma atividade de recreação e lazer (CÔTÉ-LECLERC *et al*, 2017; FERREIRA *et al*, 2017; KRATZ *et al*, 1997), usada como recurso terapêutico (WHEELER *et al*, 2017) ou ainda como atividade exigida na estratégia para a participação educacional extracurricular (AOTA, 2015).

O esporte visto como lazer se categoriza numa atividade recreativa que gera satisfação, realizada no tempo livre, que estimula as habilidades sociais e promove o ajuste emocional, físico e cognitivo (HANSON, 2013). Na visão do trabalho, o esporte compreende em uma rotina de tarefas que o indivíduo desempenha para executar uma modalidade competitiva (VELOSO; LIMA;

MONTEIRO, 2016), moldado e aplicado na capacidade de execução, estratégia e tática para conquistar a Classificação Funcional (CF) (CPB, 2019).

Para tanto, uma rotina organizada de alimentação regrada, horas e qualidade do sono, tempo de exercícios funcionais, acompanhamento por uma equipe multidisciplinar e a realização sistemática dos treinos fazem parte da realidade dos atletas. Diante disso, o terapeuta ocupacional é um dos profissionais que contribuem na reorganização da rotina dos atletas, na execução das atividades e no alcance de resultados satisfatórios (FERREIRA; BUSSMANN; GREGUOL, 2014).

Schkade e Schulz (1992), defendem que o terapeuta ocupacional que atua no esporte com pessoas com deficiência necessita dar condições ao indivíduo para realizar essa atividade, e ao explorar a teoria da adaptação ocupacional, fortalece a concretização do esporte adaptado (SALLY SCHULTZ; WILLARD & SPACKMAN'S, 2011). A adaptação são ajustes e modificações nos equipamentos e serviços que assegurem a plena igualdade de oportunidades (MPT, 2014).

Cooper *et al* (2018), ressaltam que ao buscar soluções que viabilizem o melhor desempenho atlético, deve-se aprimorar o esporte adaptado com os dispositivos tecnológicos e seus avanços, para que sua prática seja mais justa e o indivíduo alcance sua autossuperação e participação social. KRATZ *et al* (1997) enfatizam que o terapeuta ocupacional é um dos responsáveis pelas possíveis adaptações no esporte.

O estudo de Rogers; Mallinson e Peppers (2014), ressalta que o terapeuta ocupacional não analisa apenas o gesto esportivo, também possibilita trabalhar os desafios de perigo, confiança, frustrações e sociabilidade.

Na revisão da literatura narrativa nacional de Silva (2020), a autora enfatiza que ser atleta é exercer um papel ocupacional, que por sua vez pode ser acompanhado por um terapeuta ocupacional, que fará a avaliação de todos os contextos e atividades que estão em volta da meta principal. Teixeira (2020) reforça que o esporte pode ser usado no processo de reabilitação, e na pós-alta ser uma prática de lazer e evoluir para o alto rendimento.

O terapeuta ocupacional na equipe multidisciplinar irá se atentar para os aspectos relacionados às atividades que necessitam ser adaptadas, como os recursos de treino, local e métodos, somados aos contextos particulares de cada

atleta, incluindo as funções sensoriomotoras, cognitivas e mentais. (QUEIROZ, 2017).

Carvalho e Grande (2012) apontam que as disfunções identificadas no atleta com deficiência vão interferir diretamente na sua *performance*, sendo necessário descrever as intervenções – avaliações, recursos e métodos direcionadas à prática do esporte e demais atividades que compõem esse repertório ocupacional.

A relevância desta pesquisa é justificada pela contribuição que os relatos de casos baseados nas intervenções terapêuticas ocupacionais adotadas com os atletas, forneçam informações que vislumbre a atuação do terapeuta ocupacional no Desporto e Paradesporto, regulamentada pela Resolução do nº495 de 18 de dezembro de 2017 que garante o exercício da função nesse novo campo.

Nesse estudo, os participantes entraram no projeto buscando o engajamento na atividade esportiva, e tendo como foco principal a promoção da saúde, porém ao longo da sua participação se depararam com mudanças significativas em seus repertórios ocupacionais. Diante do exposto, a importância de se aprofundar neste tema, principalmente pela escassez de produções nacional e internacional que abordassem a atuação do terapeuta ocupacional no esporte adaptado, ponto fundamental para a motivação desta pesquisa.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Analisar a atuação do terapeuta ocupacional no esporte adaptado e sua relação com o papel ocupacional do atleta.

2.2 Objetivo específico

Descrever a atuação do terapeuta ocupacional no esporte adaptado e verificar o impacto das intervenções terapêuticas ocupacionais no desempenho do papel ocupacional do atleta.

3 METODOLOGIA

3.1 Desenho e local de estudo

O presente trabalho consistiu em estudo qualitativo do tipo relato de caso, a partir de análises do conteúdo de documentos do projeto de extensão “DesporTO em Ação: Terapia Ocupacional no esporte e paradesporto” do Instituto Federal de Ciências, Educação e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ) em parceria com a Comissão de Desporto da Aeronáutica (CDA – Campos dos Afonsos).

O trabalho de campo foi realizado na Comissão de Desportos da Aeronáutica (CDA) no Campo dos Afonsos, na cidade do Rio de Janeiro.

Além disso, como forma de responder às questões desta pesquisa, foi necessário completar as informações remotamente no período de pandemia através de uma entrevista semiestruturada de elaboração própria.

3.2 Critérios de inclusão

A amostra do estudo foi por conveniência e pelo fluxo de atendimentos, sendo incluídos documentos de militares reformados por qualquer deficiência, que praticavam atividades desportivas ou paradesportivas na CDA regularmente, atendidos pela Terapia Ocupacional no “projeto de extensão DesporTO em Ação”.

3.3 Critérios de exclusão

Não foram incluídos neste estudo, documentos de atletas não militares, sem deficiência e que não pertenciam ao quadro de atividades da CDA.

3.4 Procedimentos

A coleta de dados foi iniciada após o parecer de aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa CEP/IFRJ emitido em 23/03/2020. Os dados foram obtidos através da consulta e análise dos registros feitos em diário de campo desde o início das intervenções do terapeuta ocupacional até novembro de 2020, no qual contava as informações dos atletas participantes deste estudo.

Os registros continham: a ficha de anamnese, sendo possível obter informações como o nome, idade e sexo do atleta, bem como o diagnóstico,

fatos/acidentes/doença que levou a deficiência e metas de desempenho ocupacional estabelecidas juntamente com a Terapia Ocupacional.

Além disso, foi utilizada uma avaliação padronizada, a Medida Canadense de Desempenho Ocupacional (COPM) (Anexo 1), trata-se de uma entrevista semiestruturada que inclui a visão individualizada do cliente acerca do desempenho ocupacional nas áreas de autocuidado, produtividade e lazer, cujo o sujeito auto avalia seu desempenho ocupacional e prioriza os cinco problemas que possui maior importância de intervenção, segundo o usuário (CALDAS; FACUNDES; SILVA, 2011; POLLOCK; MCCOLL; CARSWELL, 2003). Nesse estudo, foram usados os dados para análise das três atividades com maior pontuação, a fim de captar as atividades de mais prioridade para o atleta.

Ainda nos diários de campo, foram coletadas informações dos atendimentos advindos de materiais de fotos e vídeos das intervenções terapêuticas ocupacionais; as análises das atividades esportivas e a história atual e pregressa dos atletas.

A fim de completar as informações sobre o desempenho do papel ocupacional, bem como o impacto da pandemia, causada pela COVID-19 na rotina dos atletas, foram coletados dados por meio da entrevista semiestruturada (Anexo 2), realizada remotamente.

3.5 Aspectos éticos

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), sob o parecer 3.929.398, no dia 23 de março de 2020 (Anexo 5).

Conforme, a Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012, os atletas assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido e Termo de Autorização de Uso de Imagem/voz para a participação na pesquisa (Anexos 3 e 4). Além disso, foi garantida a não identificação dos participantes neste trabalho.

3.6 Análise de dados

A análise ocorreu no ano de 2020 através da triangulação dos dados documentados pela observação e atendimento da equipe da Terapia

Ocupacional e as declarações envolvendo as seguintes abordagens qualitativas: entrevista narrativa (anamnese) e entrevistas semiestruturadas (Anexo 1 e 2), com o objetivo de complementar os dados e enriquecer as evidências, permitindo uma análise aperfeiçoada das informações desse estudo (FLICK, 2013).

As informações dos diários de campo e COPM foram digitadas em tabelas e analisadas conforme o conteúdo escrito. E, em relação às entrevistas semiestruturadas tiveram seus registros em áudio gravação e posterior transcrição das falas, que possibilitou maior oralidade do entrevistador com o entrevistado (MINAYO, 2010).

4 RESULTADOS

Conforme as anamneses, a pesquisa iniciou com 11 atletas, mas 4 não deram continuidade nos atendimentos da Terapia Ocupacional, restando sete, em sua maioria do sexo masculino (n=6). A idade dos participantes variou entre 26 e 65 anos.

Em relação à condição de saúde, classificados conforme a Classificação Internacional de Doenças (CID 10), dois militares apresentaram sequelas de Traumatismo Cranioencefálico (A- 2, 3), dois sofreram Lesão Medular (LM) ao nível do tórax (A- 5, 6), um com sequelas de Acidente Vascular Cerebral (A- 1), um sofreu amputação traumática da tíbia (A- 4) e um foi acometido pela Síndrome de Guillain-Barré que deixou sequelas (A- 7). Quanto às causas das sequelas, três deles sofreram acidentes de trabalho, dois acidentes de trânsito, uma por causa desconhecida e uma por doença autoimune.

Sobre os motivos da procura ao projeto da Terapia Ocupacional no desporto e paradesporto, a maioria inclinou-se pela busca da melhora da saúde e/ou prática da modalidade esportiva oferecida, que poderiam ser: atletismo, arremesso de peso e dardo, corrida de orientação, halterofilismo, corrida de pista, bocha adaptada, natação e tiro com arco.

E no que concerne às principais limitações em atividades coletadas pela COPM, foi observado que a maioria dos atletas apresentou dificuldades nas “Atividades de Vida Diária”, principalmente nas “condições de movimentar-se”, seguida pelos “cuidados pessoais” e “independência fora de casa”. Nas “Atividades Produtivas” ficou mais dividido, entre “tarefas domésticas” e “escolaridade”. E nas “Atividades de Lazer” as dificuldades apontadas foram com a “recreação ativa” e a “socialização”, como mostra no quadro 1.

QUADRO 1 – Perfil dos atletas

Atleta	Idade atual	Sexo	Descrição do caso clínico e Condição de Saúde (CID 10)	Motivo da procura do Projeto	Principais limitações nas atividades identificadas pela aplicação da COPM (Classificado segundo a CIF, 2004)
A1	45	M	Aos 34 anos sofreu AVE - Acidente Vascular Encefálico (I69.4), ficando com hemiplegia. Atualmente apresenta paralisia total no membro superior esquerdo e dificuldade na marcha, sendo necessário o auxílio de órtese. Faz episódios de convulsão que são controlados por medicação.	Melhorar a marcha na corrida de orientação.	(d540) Vestir-se, (d6300) Preparar refeições simples - se servir, (d4503) Andar contornando obstáculos.
A2	31	M	Aos 19 anos sofreu TCE - Traumatismo Cranioencefálico (T90.5) devido um acidente de carro. Atualmente apresenta dificuldades motoras que limitam sua marcha e equilíbrio, necessitando do auxílio de cadeira de rodas. A espasticidade provocou deformidades nos Membros Superiores - MMSS. Tem dificuldade na comunicação causada pela disartria.	Encontrar uma modalidade esportiva mais parecida com seu perfil. Insatisfação na prática da bocha adaptada. Deseja melhorar a fala, se vestir sozinho, mobilidade na comunidade, fazer compras e ser atleta de alto rendimento.	(d450) Andar e (d350) Conversação.

A3	46	M	<p>Aos 23 anos sofreu Traumatismo Cranioencefálico (T90.5) devido a um acidente de carro. Como seqüela ficou com hemiparesia no lado esquerdo, mas ultimamente possui sensibilidade e realiza movimentos nesse lado. No mês de abril de 2019 teve um episódio de convulsão, por não conseguir parar de treinar excessivamente, como forma de compensar os problemas familiares. Déficits cognitivos leves.</p>	<p>Organizar a sua rotina e trabalhar o controle emocional que tem dificultado a prática da corrida.</p>	<p>(d2101) Realizar uma tarefa complexa e melhorar (estudar as matérias da faculdade) e (d4552) Correr.</p>
A4	65	M	<p>Aos 19 anos sofreu uma Amputação Transtibial traumática (S88) em serviço, uma peça de canhão caiu em sua perna. Atualmente faz uso da prótese transtibial com pé articulado. Possui dificuldade de equilíbrio dinâmico.</p>	<p>Socializar e iniciar o nado.</p>	<p>(d4106) Mudar o centro de gravidade do corpo.</p>
A5	52	M	<p>Sofreu uma lesão medular ao nível de T12 (S24) em acidente de trabalho com eletricidade. Esse acidente causou deformidades em ambas as mãos (mãos em garra), déficits cognitivos e paraplegia, necessitando do auxílio de cadeiras de rodas.</p>	<p>Fazer uma atividade.</p>	<p>(d420) Auto transferências e (d510) Lavar-se.</p>

A6	26	M	Aos 19 anos sofreu uma lesão medular ao nível de T8 (S24) em serviço militar, em que acidentalmente foi baleado em treinamento de tiro, causando paraplegia. Utiliza cadeiras de rodas manual de auto propulsão.	Interesse em praticar uma nova modalidade esportiva com acompanhamento profissional.	(d420) Auto transferências e (d4105) Curvar-se.
A7	58	F	Aos 28 anos apresentou o quadro da Síndrome de Guillain-Barré (G61.0). Atualmente, possui sequelas nas extremidades das mãos e pés, dificultando sua marcha, equilíbrio estático e pinça fina. Possui quadro de hipertensão e diabetes.	Desejo de fazer uma nova atividade.	(d4154) Permanecer de pé (em filas), (d5400) Vestir roupa e (d5401) Despir roupa.

Fonte: Elaboração própria, 2020.

Os dados descritos no quadro 2 foram extraídos dos diários de campo e se referem às intervenções terapêuticas ocupacionais e seus resultados ao longo do projeto.

As intervenções descritas ocorriam às quintas-feiras no horário das 8:00 às 14:00 horas em atendimentos individuais e coletivos. Após experimentar todas as modalidades de esporte existentes e cada atleta fazer a sua escolha, o terapeuta ocupacional realizava a análise da atividade esportiva, onde se filmava e fotografava a execução para posterior avaliação das barreiras, facilitadores, risco para a segurança, potencial para adaptabilidade da atividade e funções e estruturas do corpo exigido para a sua realização.

Os atendimentos individualizados eram direcionados para o gesto esportivo, utilizando as atividades cinéticas ocupacionais para melhorar o seu desempenho e precisão do movimento durante a execução. Normalmente, se

utilizava circuitos funcionais para ir de encontro às demandas identificadas nas avaliações.

E, a equipe disponibilizava um horário para realizar atividades em grupo, em que eram ofertadas a oficina de dança e o alongamento, como também eram organizadas confraternizações e palestras educativas, na busca da socialização e conhecimento sobre o esporte.

Em relação às intervenções, é importante ressaltar que a cada encontro com o atleta a equipe analisava a execução da modalidade esportiva para desenvolver os objetivos naquele atendimento, principalmente para melhorar o gesto esportivo, também era utilizado o método Bobath, atividades em circuitos funcionais e direcionamento/orientações para as competições. Destacavam-se outras intervenções mais específicas para atender as demandas individualizadas, tais como, a reorganização da rotina, o treino do ciclo da marcha, treino/orientação de AVD, adaptação da cadeira de rodas, análise do alcance funcional e acolhimento às questões emocionais.

Em relação aos principais resultados, os mais evidentes foram a melhora da função e estrutura do corpo, que conseqüentemente favoreceu o desempenho esportivo e a prática de atividades cotidianas, incluindo os ajustes na rotina, cuidados regulares com a saúde, assim como a ampliação da interação social, o que possibilitou perspectivas futuras em relação à independência e o papel ocupacional do esporte na vida dos participantes.

QUADRO 2 - Intervenções terapêuticas ocupacionais e resultados.

Atletas	Principais intervenções terapêuticas ocupacionais direcionadas ao esporte	Resultados
A1	<p>Funções e estrutura do corpo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Uso método Bobath para normalização do tônus e controle da respiração, - Atividades de transferência de peso para estimular o lado plégico; - Uso de estratégias para melhorar a atenção concentrada; - Alongamento e relaxamento grupal. <p>Atividade e participação:</p>	<p>Funções e estrutura do corpo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Percebeu-se a normalização do tônus muscular antes de inserir as atividades cinéticas ocupacionais; - Melhora na postura cifótica, dissociação de cinturas pélvicas e escapulares, e retificação dos ombros. <p>Atividade e participação:</p>

	<ul style="list-style-type: none"> - Treino da modalidade esportiva (corrida em pista); - Treinos do ciclo da marcha em diferentes texturas e superfícies instáveis com ênfase da fase de balanço e dissociação de cinturas pélvicas e escapulares; - Atividades em circuito funcional para melhorar o gesto esportivo; - Treino de AVD (vestir-se); - Participação de eventos para permitir a socialização; - Preparação para competições com orientações sobre o local. 	<ul style="list-style-type: none"> - Melhora na execução da corrida, já que não estava mais "saltando", e sim fazendo a descarga de peso para o lado plégico; - Além disso, tem aceitado mais o braço plégico, por isso, tem feito planos futuros de morar sozinho, preparar refeições e ir para competições com maior grau de dificuldade.
A2	<p>Funções e estrutura do corpo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Uso do método Bobath para estimular o controle de tronco, aumento da Amplitude de Movimento - ADM de ombro e extensão dos dedos das mãos; - Treino da marcha funcional e progressiva; - Alongamento e relaxamento grupal. <p>Atividade e participação:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Treino do gesto esportivo (arremesso de cluber) em arremesso simulado individual e em grupo com aumento de dificuldade; - Participação na oficina de dança para socialização; - Participação de eventos esportivos para permitir a socialização; - Estímulo à prática da modalidade esportiva na corrida com a pedra (cadeira de rodas esportiva para tetraplégico) e possível classificação funcional. 	<p>Funções e estrutura do corpo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Iniciou o treino de marcha e está andando sozinho; - Na análise da atividade esportiva (arremesso de cluber) percebeu-se a melhora na amplitude de movimento do ombro, rotação de tronco. <p>Atividade e participação:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Nos atendimentos em grupo e na simulação do gesto esportivo está mais integrado; - Apresentou melhora no arremesso sem perder o equilíbrio, por isso está mais motivado em continuar no projeto; - A melhora no seu quadro motor possibilitou planos para o futuro em relação a fazer faculdade e curso de idiomas.
A3	<p>Funções e estrutura do corpo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Acolhimento das questões emocionais e orientações sobre metas de curto prazo; - Direcionamento para a prática da natação com objetivo de relaxamento e controle da ansiedade; - Atividades em circuito funcional para lateralidade, atenção sustentada e coordenação motora; - Alongamento e relaxamento grupal. 	<p>Funções e estrutura do corpo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Melhora na concentração; - Melhora na qualidade dos movimentos executados na modalidade da corrida e natação. <p>Atividade e participação:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Organização da rotina para os treinos;

	<p>Atividade e participação:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Treino do gesto esportivo (natação); - Organização da rotina em horários e prioridades; - Estabelecimento de acordos no acompanhamento com o profissional de educação física para treinos regulares; - Participação em eventos para permitir a socialização e conhecimento; - Orientações para as competições e classificação funcional; - Participação na oficina de dança em grupo para alcançar concentração, diminuir a ansiedade, e permitir a socialização. 	<ul style="list-style-type: none"> - Reconhecimentos dos limites em relação ao tempo de treinos e medicamentos; - Após organização da sua rotina, conseguiu iniciar os estudos na faculdade. Relata estar mais "controlado e sabendo a hora de parar – SIC".
A4	<p>Funções e estrutura do corpo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Atividades em circuito funcional para trabalhar o controle da respiração, fortalecimento do abdome e MMSS, aumento da ADM da glenoumeral, alongamento da cadeia anterior para manter o corpo na superfície por mais tempo no nado e equilíbrio em movimento na posição ortostática; - Orientações em relação à prescrição da prótese transtibial. <p>Atividade e participação:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Treino do gesto esportivo (natação); - Orientações para as competições e classificação funcional; - Orientação sobre o gesto esportivo e treino do salto para a piscina do bloco na raia sem a prótese; - Participação de eventos para socializar e adquirir conhecimento sobre o esporte e competições; - Oferta de uma nova modalidade esportiva (arremesso de dardo) para tentar classificação funcional; - Participação em oficina de dança em grupo para socializar. 	<p>Funções e estrutura do corpo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Controle maior da respiração na prática desportiva; - Melhora na coordenação motora; - Maior equilíbrio sem a prótese, o que possibilitou saltar para a piscina da raia. <p>Atividade e participação:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Melhora na execução da modalidade; - Após o incentivo da equipe na participação do camping (viagem destinada a atletas militares com deficiência para conseguir a classificação funcional) relatou que foi uma das experiências mais importantes para ele, em relação à deficiência, promovendo interesse por muitas modalidades.
A5	<p>Funções e estrutura do corpo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Uso do método Bobath para trabalhar o controle de tronco, respiração, diminuição da hiperextensão cervical; 	<p>Funções e estrutura do corpo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Melhora no controle de tronco e segurança nos movimentos; - Na análise da atividade esportiva do arremesso apresentou melhora

	<ul style="list-style-type: none"> - Uso de atividades cinéticas ocupacionais com movimentos ativos assistidos e ativos para estabilidade de tronco ao movimento dos MMSS; - Orientações sobre os cuidados com úlcera por pressão e controle da temperatura corporal durante os treinos; - Alongamento e relaxamento grupal. <p>Atividade e participação:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Treino do gesto esportivo (tiro com arco); - Treino de transferências da cadeira de rodas para outras superfícies; - Oferta/orientação para experimentação das modalidades esportivas (tiro com arco e arremesso de peso); - Treino do gesto esportivo de uma nova escolha (arremesso de peso) para estabelecimento de metas; - Treino do gesto esportivo de arremesso individual e grupal (competição); - Orientações para as competições e possível classificação funcional no arremesso de peso, por sua escolha.; - Orientações em relação à higiene pessoal e autocuidado. 	<p>na preensão global da mão dominante, como também conseguiu melhorar a rotação de tronco para impulsionar o movimento do arremesso sem o apoio do encosto;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Melhorou o arremesso sem se desestabilizar ao final do gesto esportivo; <p>Atividade e participação:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Na análise da atividade esportiva de tiro com arco foi observado que no início do movimento de preparação do tiro consegue desencostar da cadeira até o término do tiro, melhorando o seu desempenho; - Após a melhora no seu quadro motor deseja ser mais independente para fazer compras, viajar e ir a clubes de lazer; - Atualmente se mostra mais interessado em documentários esportivos.
A6	<p>Funções e estrutura do corpo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Uso do método Bobath para estimular o controle de tronco, ativação da musculatura, respiração, aumento da ADM; - Uso de atividades cinéticas ocupacionais com movimentos ativos assistidos e ativos para estabilidade de tronco ao movimento dos MMSS progressivas para estimular o manuseio de objetos em frente ao corpo; - Orientações em relação ao uso e postura adequada na cadeira de rodas e prevenção de úlceras por pressão. Prescrição de adaptação para assento e encosto; - Orientação para realizar exercícios em casa, sentado para trabalhar a movimentação dos MMSS em linha média; 	<p>Funções e estrutura do corpo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Teve perda de peso e os resultados no Teste de Alcance Funcional foram: 72,5cm (s/flexão de tronco) e 82 cm, 89 cm e 90 cm (c/flexão de tronco, em 3 tentativas). - Apresentou melhora na postura após a adaptação na cadeira de rodas. - Melhora no controle de tronco, permanecendo mais estável durante a execução dos movimentos, sem se sentir tão cansado;

	<ul style="list-style-type: none"> - Análise do Alcance Funcional com e sem apoio para analisar o controle de tronco na cadeira de rodas; - Alongamento e relaxamento grupal. <p>Atividade e participação:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Treino do gesto esportivo (arremesso de peso); - Participação em eventos para permitir a socialização e adquirir conhecimento sobre a prática esportiva; - Orientações para as competições e orientação em relação à higiene pessoal e autocuidado. 	<ul style="list-style-type: none"> - Sofreu uma lesão em treino, fratura de tíbia, causando seu afastamento e desmotivação após a recuperação. <p>Atividade e participação:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Na palestra sobre o desporto no IFRJ, foi o primeiro a falar sobre sua experiência no esporte "Superei meus próprios limites - SIC".
A7	<p>Funções e estrutura do corpo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Utilização de treino funcional em circuito e oficina de dança para trabalhar o equilíbrio estático e dinâmico, fortalecimento de Membros Inferiores - MMII e estabilização e rotação de tronco, lateralidade e coordenação motora; - Trabalho em superfícies instáveis para fortalecer MMII; - Trabalhar dissociação das cinturas pélvica e escapular; - Trabalhar a insegurança e medo da piscina; - Estimulação sensorial nos pés em circuito funcional; - Alongamento e relaxamento grupal. <p>Atividade e participação:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Orientações para escolha da atividade esportiva (natação ou tiro com arco); - Treino da atividade esportiva (natação); - Participação em eventos para permitir a socialização e adquirir conhecimento sobre o esporte e as competições; - Orientações sobre a classificação funcional e escolha de uma nova modalidade (arremesso de cluber), de acordo com seu interesse. 	<p>Funções e estrutura do corpo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Apresentou melhorar na força muscular dos MMSS e MMII visto na marcha e ao pegar objetos; - Melhora no equilíbrio estático e dinâmico, principalmente com a participação na oficina de dança; - Percebeu que está sentindo mais os pés tocando o chão após o circuito sensorial. <p>Atividade e participação:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Melhorou o seu desempenho na natação, conseguindo aumentar a distância sem se segurar na borda da piscina, apesar do medo de afundar, se sentiu mais confiante por seu "corpo está bem trabalhado - SIC"; - Na oficina de dança, conseguiu realizar a coreografia sozinha, com maior controle e equilíbrio, ainda conduziu o grupo durante a dança. Demonstrando mais confiança e controle dos movimentos, elevando sua autoestima; - Mudou de modalidade após o camping para o arremesso de

		cluber a fim de ter a classificação funcional; - No último treino de natação fez a saída saltando do bloco, superando o seu medo.
--	--	--

Fonte: Elaboração própria, 2020.

Para atingir os objetivos da pesquisa e completar as informações dos diários de campo, foram coletadas as percepções dos atletas sobre como a Terapia Ocupacional influenciou no cotidiano, bem como as mudanças no desempenho das atividades, por meio de uma entrevista semiestruturada, conforme o quadro 3:

QUADRO 3 - Percepções da Terapia Ocupacional no esporte e desempenho das atividades pelos atletas.

Atletas	Percepção da TO no esporte	Percepção de mudanças no desempenho das atividades
A1	"A TO me ajudou muito na corrida. As atividades que você pensa que vai dar em nada, começa a ajudar. Sempre que eu corro lembro-me de você, olhando para frente e a cervical reta."	"Então, antes eu era "militar-atleta", hoje sou "atleta-militar", dou meu jeito sozinho e dei o grito da independência. Estou tentando morar sozinho, porque o esporte me mostrou que eu posso todas as coisas, comprei até panela elétrica para fazer comida e ser mais independente".
A2	"É bom demais. Ela é muito importante e não se prende as minhas dificuldades."	"Meu corpo está mais equilibrado para fazer minhas atividades, ando todo dia sozinho agora. É bom!"
A3	"É o segundo tempo do meu treino, ali consigo trabalhar os músculos e a parte intelectual. Sem a TO não há um bom atleta, nem o ganho de medalhas."	"Hoje consigo ficar mais focado nas minhas atividades do dia a dia, até mesmo para fazer minhas contas e pagar, estou me cuidando melhor, comendo melhor e fazendo meus exames".
A4	"É fundamental, mexe com o cognitivo e equilíbrio, fortalece todo corpo, me permite a socialização. O trabalho da TO é um complemento ao nosso treino."	"Melhorou 100%, essas atividades me favoreceram a ter equilíbrio, bem estar, poder caminhar com a prótese, escovar os dentes e tomar banho. Hoje eu caminho com mais facilidade, isso tudo é proveniente do esporte."

A5	“É muito bom, me fez voltar minhas atividades e me ensinou a fazer atividades sem eu cair para trás.”	“Acordar cedo, tomar banho com mais antecedência e dormir cedo. Eu planejo melhor minhas atividades.”
A6	“Traz muitos benefícios para minha postura e o equilíbrio de tronco. É um trabalho muito bom para mim.”	“Eu percebi mudanças nas transferências, força para fazer as atividades que exigem que eu pegue algo e diminui meu peso.”
A7	“É de fundamental importância da conexão da consciência corporal com as atividades físicas.”	“Melhorou os movimentos que estavam mais travados que ajudaram nas atividades. Tinha perdido e ganhei de volta, as pernas esticaram mais.”

Fonte: Elaboração própria, 2020.

De acordo com os relatos dos atletas nas entrevistas, eles iniciaram no projeto pela busca do esporte como uma ocupação de lazer, mas, no decorrer do tempo, começaram a intensificar a prática esportiva e os treinos e passaram a competir. Com isso, esta ocupação passou a assumir características de trabalho, como visto no quadro 4 - modalidade esportiva, as classificações funcionais, compreensão geral sobre o esporte e a percepção dessa ocupação – trabalho/lazer - coletadas através da aplicação da entrevista semiestruturada (Anexo 2).

QUADRO 4 - Modalidade esportiva, Classificação funcional e categorização do esporte como lazer ou trabalho

Atletas	Modalidade esportiva	Classificação Funcional (CF)	Compreensão do esporte	Esporte Lazer ou Trabalho
A1	Corrida de orientação e corrida de 1500 /5000m	T37	"O esporte é qualidade de vida, uma ocupação que preenche o meu tempo. O esporte é renascimento."	"É um trabalho porque eu vejo o horizonte, estabeleço os objetivos."
A2	Petra (Race Running)	Não possui	"O esporte é tudo para mim, ele me ajudou na fala e no meu andar."	"É um trabalho, pois é um prazer estar tendo esse compromisso."
A3	Corrida de 1500/5000m	T38	"O esporte é vida, me ajuda nos meus problemas de	"É uma atividade de lazer, mais se houver competição

			saúde, faz minha independência."	eu considero como trabalho. Depende do meu esforço."
A4	Lançamento de dardos, peso e discos	F64	"O esporte é o complemento de vida, faz a manutenção da minha saúde, interação com as pessoas e os amigos."	"É mais próximo ao trabalho devido ao comprometimento. No treino precisa ter uma competição, ele leva para isso."
A5	Arremesso de peso	Não possui	"O esporte é a melhor coisa que tem, é vida para mim."	"É lazer. Minha expectativa é melhorar no arremesso e ver até onde eu posso ir. Mas eu faço essa atividade porque eu gosto".
A6	Arremesso de peso	Não possui	"É um reencontro da vida, das coisas que eu podia fazer antes e agora posso outra vez".	"É lazer hoje pelas situações que ocorreram, mas se tivesse oportunidades seria trabalho."
A7	Lançamento de dardos e de peso	F55	"Ajudou na vida física e psicologicamente, no social e inclusão."	"É um lazer com responsabilidade, com perspectiva de competir. Eu vejo mais como um lazer."

Fonte: elaboração própria, 2020.

No tocante às modalidades escolhidas no quadro 4, todas elas fazem parte do atletismo, em sua maioria na modalidade de arremessos de peso e dardos, seguido de corrida de 1500/5000m, petra e corrida de orientação.

Quanto a classificação funcional a concepção do esporte, três atletas não conseguiram ainda a classificação. Desses atletas, dois (A-5, A-6) compreendem essa ocupação como lazer e se justificam por não terem tido a oportunidade de participar de uma competição oficial, e o (A-2) entende ser um trabalho, mesmo sem classificação funcional, pois relata que o esporte tem caráter de compromisso prazeroso.

Os quatro atletas que já possuem a classificação funcional, três (A-1, A-4, A-7) necessitam do uso da Tecnologia Assistiva para conseguir executar a modalidade, respectivamente, uso de órtese para membro inferior, prótese transtibial e banco adaptado. E, dois atletas (A- 3, 7) compreendem que o esporte é uma atividade de lazer com características de trabalho, como critério "a competição" por gerar esforço, compromisso e responsabilidade. E, para os outros dois atletas (A- 1, 4) percebem o esporte como uma atividade de trabalho, devido ao comprometimento com os treinos e competições.

Importante frisar, que todos citaram a palavra "vida" e ligaram sua fala à independência nas atividades de vida diária, socialização e ocupação.

Ademais, no quadro 5 ressalta-se os ganhos esportivos, e o entendimento do atleta sobre o seu desempenho ocupacional no esporte, o número de competições, categorias, medalhas e/ou troféus recebidos como parabenização desse esforço.

QUADRO 5 - Ganhos esportivos

Atletas	Considera-se atleta?	Expectativa em relação ao desporto	Nº de competições	Nº de medalhas/troféus e Colocação
A1	Sim	"Participar das competições."	Mais de 20 nacionais e internacionais	8 troféus e mais de 30 medalhas incluindo ouro, prata e bronze.
A2	Não	"Estou trabalhando para um dia ser, indo nos treinos e fazendo os funcionais."	2 regionais	1 de participação
A3	Sim	"Os treinos."	Mais de 20 nacionais e regionais	10 medalhas de ouro, 5 de prata e 5 de bronze
A4	Sim	"Treino natação e faço outras atividades para ajudar na modalidade, como a musculação. Fico satisfeito com a melhora no resultado do lançamento. Criei uma rotina, estar no local e horário para	3 regionais e interna da PM	1 de prata 500m livre na natação e 1 de bronze no revezamento de 200 m na natação

		dar continuidade com esse compromisso."		
A5	Sim	"A alimentação mudou e os treinos diários na academia."	17 regionais	17 de participação
A6	Não	"Hoje me considero um praticante do esporte, por isso vou regularmente aos treinos e mantenho minha mente boa."	1 regional	1 de participação
A7	Sim	"O treino, a participação de eventos/competições e em reuniões."	2 regional e interno da PM	1 de prata

Fonte: elaboração própria, 2020.

No quadro 5, os resultados apontaram que cinco atletas (A- 1, 3, 4, 5, 7) realmente se entendem como atletas e dois deles (A-2, 6) responderam que não. Os que se percebem como atletas evidenciaram que a organização da rotina para realizarem os treinos e as competições faz parte do repertório ocupacional de um atleta numa atividade laboral. Já aqueles que não se consideram atletas, salientaram que são praticantes do esporte visando à manutenção da saúde e estão trabalhando para um dia, talvez, se tornarem atletas de alto rendimento.

A maioria das competições foram as regionais e um mundial (A- 1). Muitas competições no início serviram como experiência e escolha da modalidade. Após a certeza da prática esportiva e treinamentos, três atletas (A- 3, 4, 7) se destacaram com troféus e medalhas, e três (A- 2, 5, 6) receberam medalhas de participação nos eventos esportivos.

No quadro 6 estão descritas as informações relacionadas ao impacto da pandemia na rotina do atleta, como a não ida a competições que impossibilitou a conquista da classificação funcional e conseqüentemente o alcance a novos patamares.

QUADRO 6 - Impacto da pandemia na rotina do atleta

Atletas	Percepção de como está se sentindo na Pandemia (relato)	Situação dos treinos na pandemia (relato)	Perdas como atleta na pandemia (relato)	Impacto da pandemia no cotidiano (relato)	Expectativas para o ano de 2022 (relato)
A1	"Estou zerando o Netflix, e me sentindo agoniado. Mas o documentário "Pódio para todos" que me animou e fiquei bem feliz."	"Estou correndo na Vila Militar, sem o treino de velocidade"	"Perdi velocidade, condicionamento físico, passei mal e fiquei 20 dias sem fazer nada. Eu tive convulsão em casa por esquecer de tomar o anticonvulsivo, porque era meu dia de descanso."	"É horrível, tranquei meus pais em casa. A psoríase atacou na minha mão. Não mudou muita coisa, apenas o costume de usar máscara e não receber ninguém."	"Eu quero ir para Europa, como o mundial Master Game no Japão em 2021, para competições no exterior - Portugal Orienteering meeting, devido ao nível técnico de competição - bem superior em relação aos sensores de presença nas provas, qualidade dos mapas e o nível técnico dos atletas."
A2	"Estou me sentindo sozinho, porque é bom está nos treinos com meus amigos. Eu fiquei com imunidade baixa."	"Eu comecei a fazer treino funcional terças, quintas e sábado (3 dias de semana 10:30 as 11:30) "	"Eu perdi muita coisa, os meus treinos funcionais no início, a fonoaudióloga e com vocês. É ruim demais esse tempo que estamos vivendo, mas está tudo	"Não percebi nada, tentei fazer tudo do mesmo jeito, acordar cedo..."	"Ganhar medalhas."

			nos planos de Deus."		
A3	"Eu estou sentindo falta da TO e estou me cuidando mais."	"Continuo fazendo na PM, às vezes nas montanhas na área do exército."	"Eu só ganhei. Mas preciso tomar cuidado, porque como atleta posso ficar doente fácil."	"Eu redobrei o cuidado com a vida e o corpo em geral."	"Pretendo buscar novos atletas com a visão do esporte adaptado, e representar até no mais alto pódio, incentivando no que é possível, porque existem pessoas na TO que fazem parte do nosso treino. Logo, o resultado vem."
A4	"O meu corpo sentiu a queda desse momento, porque eu peguei a COVID, foram 20 dias de tratamento."	"No pós COVID que é estranho, eu não sou mais o mesmo, o que eu fazia na academia antes não consigo fazer, é um cansaço absurdo."	"Perdas de massa muscular, perda do equilíbrio, perda da motivação, cansaço, ganho de gordura - porque comia muito e via tv boa parte do meu dia."	"Eu continuei acordando cedo, mas dormindo tarde. Eu perdi o controle do que eu fazia na minha vida. Falta de controle de alimentação, hora de levantar-se e se deitar. A vida ficou totalmente confusa."	"Primeiro é estar vivo. Eu não faço essas programações, eu vou rompendo o que vem pela frente."

A5	"Está faltando muita coisa, estou com saudades de ir para o CDA."	"Eu estava treinando em casa com as atividades que eu lembrava que seria bom, como a barra e os arremessos com a bola."	"Eu perdi quase nada, só comecei fazer o que fazia no CDA em casa."	"Eu não fiquei muito preocupado, porque eu sabia que isso iria passar, mas minha irmã ficou doente."	"Começar a fazer o arremesso."
A6	"No começo estava muito ruim por não poder fazer os exercícios. Foi agonizante! Eu fiquei com COVID e meu padrasto também."	"Eu voltei a treinar na academia tem 1 mês, mas nos outros dias não consegui fazer em casa."	"Eu percebi que diminuí a força e tive muita preguiça. Eu engordei uns 3 quilos."	"Minha rotina mudou toda, não tive mais treino, acordava tarde, dormia mal e me alimentava mal."	"Eu almejo ser pai. Quero continuar praticando o esporte e tentar algo novo."
A7	"Sem problemas. Dentro de casa tenho muitas coisas para fazer."	"Caminhada e exercício em casa (30 min de caminhada, 200 abdominal e uso de elástico para exercício de braço e perna)."	"Esquecimento das técnicas para lançamento e arremesso."	"Não tive impacto, eu consegui me adaptar e vejo as coisas com outro olhar."	"Não estou criando expectativas porque quero ver o que vai acontecer."

Fonte: elaboração própria, 2020.

Os atletas relataram uma mudança de rotina, hábitos e piora da condição de saúde em relação à função e estrutura do corpo com a nova realidade de isolamento social, causado pelo Coronavírus. Entretanto, apesar da situação de

reclusão, alguns continuaram almejando novas conquistas com o esporte, outros preferiram não criar muitas expectativas, visto a insegurança de ser contaminado e ver parentes na mesma situação. Contudo, compreendeu-se que os atletas se adaptaram nesse período, com a prática de atividades físicas em outros locais.

5 DISCUSSÃO

O esporte como ocupação laboral ou de lazer tem o seu lugar de importância, sendo ele norteador de atividades que dão novo rumo e significado à vida, principalmente de uma pessoa com deficiência (PDC), como foi demonstrado nos resultados desta pesquisa. Com as informações oralizadas pelos atletas e a descrição dos diários de campo foi possível perceber a atuação do terapeuta ocupacional e seus benefícios para a *performance* no esporte adaptado dos atletas do projeto.

Quando se fala sobre ocupação, não há como desvincular-se dos estudos da ocupação humana pelo terapeuta ocupacional, por estudar o engajamento em ocupações específicas permeadas de atividades e tarefas (COSTA *et al*, 2017, PONTES; POLATAJKO, 2016) com significado e satisfação nos papéis ocupacionais (FASOLI, 2013; MAGALHÃES, 2013).

Carin-Levy e Jones (2007) apontam que as ocupações têm a ver com as experiências de vida, contextos e cultura daquele que pratica, sendo necessário aprofundar mais as pesquisas sobre o esporte adaptado, corroborando com Silva e Alves (2020) que procurou abrir portas para mais estudos baseados na ciência ocupacional sobre a relação do esporte e as pessoas com deficiências.

As abordagens usadas nesta pesquisa foram baseadas na ocupação - o terapeuta ocupacional se fixa na ocupação como o foco de intervenção (FISHER, 2013) e no cliente – identificação das dificuldades de desempenho (SUMSION, 2003a; SUMSION, 2003b).

Nos documentos analisados, foi percebido o esporte como atividade utilizada para estimular habilidades motoras e cognitivas, como no estudo pioneiro de Guttmann *et al* (1967) onde o esporte foi oferecido como uma nova possibilidade de engajamento em ocupação (PONTES; POLATAJKO, 2016).

Logo, o uso da atividade esportiva como ferramenta deve ser coerente com o papel ocupacional e com os interesses do sujeito. E, a análise da atividade prévia, onde o movimento é analisado juntamente aos fatores pessoais e ambientais, se faz necessária para direcionar as intervenções (SILVA, 2007; STOFFELA; NICKEL, 2013).

Ao analisar o perfil dos atletas foi identificado que a maioria pertence ao sexo masculino, coincidindo com a revisão sistemática de Marques (2017) e no

levantamento de atletas paralímpicos de Silva *et al* (2019). Atletas femininas possuem desempenho atlético inferior aos dos homens, devido ao nível de gordura corporal que afeta a força muscular, a ventilação pulmonar e o débito cardíaco (GUYTON, 2017). Somada a construção social de gênero (lugar do corpo feminino e lugar do corpo masculino) e cultural, e ainda as múltiplas jornadas de trabalho, podem levar a baixa procura pelo desporto (SALLES-COSTA *et al*, 2003).

No que concerne à etiologia, as mais frequentes foram as lesões por trauma (TCE, LM e Amputação) seguido pelo AVE e SGB, que normalmente provocam sequelas na função neuromusculoesquelético, achados semelhantes foram encontrados nos estudos de Toldrá e Souto (2014), Serona; Arruda e Greguol (2015) e no levantamento geográfico no Brasil de Silva *et al* (2019), em que 65,5% tinham deficiências motoras. Por isso, é essencial o entendimento desses fatores antes de recomendar uma atividade física, como por exemplo, deve-se atentar para a termorregulação, rotina intestinal, controle da pressão arterial e fadiga muscular ao tempo de exercício/competição (WALTER; KRASSIOUKOV, 2018).

As deficiências influenciam no comportamento motor do atleta (SILVA *et al*, 2013), mas as imagens motoras podem ser presumidas através de movimentos atuais que reorganizam a representação motora no córtex pré-frontal e parietal (OLSSON, 2012). Portanto, necessita-se de análise e intervenção integral nos treinamentos (TOLDRÁ; SOUTO, 2014), como no estudo de Macdonald; Oprescu e Kean (2018) atletas de cadeira de rodas se beneficiaram com o treino de funções motoras e cognitivas, que por sua vez refletiram na vida atlética e cotidiana.

A idade é um fator pessoal levado em consideração nas intervenções do terapeuta ocupacional (TOLDRÁ; SOUTO, 2014) em especial na identificação de barreiras e facilitadores da iniciação esportiva (CARVALHO; ALVES, 2020). Por isso, deve-se entender cada faixa etária com suas especificidades e o período de vida que se inicia uma nova atividade, seus desafios, sobretudo para adultos que adquiriram alguma deficiência e escolheram o esporte adaptado (OLSSON, 2012), como os atletas deste estudo.

A adaptação de uma nova rotina na idade adulta causada pela deficiência já é um fator complicado (BERNARDO; CARVALHO, 2020; GALLAHUE;

OZMUN; GOODWAY, 2013). Ainda mais, no caso dos participantes desta pesquisa que pertencem ao ambiente militar, e quando a deficiência é oficializada, o indivíduo é imediatamente reformado, pois é considerado inapto para qualquer serviço militar, segundo o estatuto dos militares (BRASIL, 1980), ou seja, não há como retornar ao trabalho. O lugar do sonho da carreira é preenchido pela fragilidade dos papéis ocupacionais (MELLO; MANCINNI, 2007).

Navarro; Stoffel e Nickel (2013) apontam que o papel ocupacional organiza o comportamento e a rotina, e corrobora com o estudo de Queiroz *et al* (2017) que identificaram que o retorno ao ambiente militar, relembra a vida produtiva. Além de favorecer o reconhecimento do sujeito, a reconstrução de hábitos e a criação de novos desafios através do esporte (MELLO; DITURI; MARCOLINO, 2020).

Nessa pesquisa foi possível observar pelos relatos dos atletas a importância dessa nova ocupação e o entendimento da atuação do terapeuta ocupacional na área desportiva, que tem como um dos objetivos principais a melhora na execução da modalidade. Nos estudos de Ferreira *et al* (2017), Groff; Lundberg e Zabriskie (2009) e Zacarias e Alves (2020) apontam participantes e produtores de artigos que reconhecem a contribuição do terapeuta ocupacional no esporte adaptado.

Durante as intervenções do terapeuta ocupacional as respostas satisfatórias não ficaram apenas no desempenho da modalidade esportiva, os resultados nas AVD e AIVD também foram surpreendentes. Esses achados foram semelhantes aos estudos de Côté-Leclerc *et al* (2017), onde os participantes com dificuldades de mobilidade encontraram no esporte adaptado uma possibilidade de melhorar a independência nas AVD. Semelhante ao estudo de Fliess-Douer; Vanlandewijck e Woude (2012), em que o esporte foi um dos fatores importantes no aprendizado de habilidades essenciais no uso da cadeira de rodas.

Os benefícios da prática do esporte por PCD são muitos, dentre eles, a independência e autoeficácia nas AVD (DIAZ *et al*, 2019), a diminuição de implicações clínicas (ARAUJO *et al*, 2015; MEDEIROS *et al*, 2016), a melhora nos fatores psicológicos (NASCIMENTO; SILVA, 2007), a valorização pessoal e

a prevenção de deficiências secundárias (ABREU *et al*, 2016; DIAZ *et al*, 2019; SOUTO *et al*, 2014).

O terapeuta ocupacional contribui na potencialização de habilidades para o esporte e participação no cotidiano pela compreensão dos contextos e aspectos históricos que envolvem o sujeito (FERREIRA *et al*, 2017). Além disso, esse profissional deve dar atenção aos impactos das AVD associado à iniciação das práticas paradesportivas (LAZERA *et al*, 2017; QUEIROZ *et al*, 2017). Sob esse prisma, a tecnologia assistiva no esporte se destaca, como visto nos estudos de Hill *et al* (2014); Cooper e Luigi (2014); Silva e Alves (2020); Carvalho e Alves (2020) que acreditam na potencialidade desse recurso, a adequação leva o atleta a alcances futuros, e ainda facilita a biomecânica e fisiologia do exercício.

O terapeuta ocupacional deve acompanhar o treinamento e avaliar a prescrição desses recursos para alcançar o maior nível de habilidade atlética com o mínimo de risco de lesões, que garanta a satisfação do usuário em todas as fases – escolha, avaliação e treino (CARVALHO; ALVES, 2020; CARVALHO *et al*, 2018; COOPER; LUIGI, 2014). Entretanto, ainda pouco se fala sobre as providências que o terapeuta ocupacional pode somar (SILVA; GRAÇA; QUEIROZ, 2019).

Por meio dos documentos analisados, com o foco na prática do esporte, a principal intervenção descrita foi à análise da atividade, que possibilitou uma boa visão sobre a pessoa e o esporte como atividade focal. Carvalho e Grande (2012) e Stoffel e Nickel (2013) apontam que a análise da atividade é a base para o treino de habilidades, pois identifica as alterações e adaptações que facilitam a execução. E, a eficácia da utilização de filmagens para facilitar a avaliação biomecânica do movimento no gesto esportivo pelo terapeuta ocupacional foi fortalecida pelos estudos de Arroxellas *et al* (2017) como uma nova possibilidade do uso da realidade virtual, e pela análise por vídeo com informações temporais (MOSS; FOWLER; GOOSEY-TOLFREY, 2005).

A intervenção do terapeuta ocupacional no gesto esportivo é fundamental para melhorar a execução do movimento na modalidade. Silva *et al* (2013) destacam que a elaboração do treino do gesto esportivo deve atentar para as capacidades individuais e os fundamentos das modalidades (SILVA *et al*, 2013). O estudo de Moss; Fowler e Gossey-Tolfrey (2005) percebeu que ao analisar a

cinemática da corrida de 200m de cadeira de rodas e trabalhar os grupamentos musculares em cada momento do movimento, de habilidades físicas como a força e a amplitude de movimento, trouxeram benefício a independência nas AVD (CAMARGO; MASCARIN; NUNES, 2010; SILVA; OLIVEIRA; CONCEIÇÃO, 2005), o que demonstrou ser um fator motivador para o atleta.

A utilização dos circuitos funcionais foi usada para o treinamento do gesto esportivo e a sua eficácia é apontada no estudo de Radcliffe (2017) que usa os circuitos para trabalhar o equilíbrio do atleta em diferentes planos de movimento. E ao aumentar a dificuldade do exercício em circuitos funcionais o atleta aprimora e prepara o corpo para o movimento específico no esporte (MCARDLE; KATCH; KATCH, 2011; SCHÖLLHORN; BECKMANN; DAVIDS, 2010).

Outro achado interessante dessa pesquisa foi à escolha da modalidade, que concentrou todos os participantes no atletismo. Radcliffe (2017) aponta que o atletismo possui em seus componentes a força, a agilidade e a velocidade, que somadas formam a “potência” – capacidade de produzir força contra gravidade em menor tempo e maior eficiência. E, esse tipo de esporte gera sentimentos de liberdade e autocontrole sobre o corpo e mente em lugar da deficiência (CARIN-LEVY; JONES, 2007).

Para tanto, essa escolha corrobora com os resultados de Rogers; Mallison e Peppers (2014) em que os esportes de alta intensidade, foram escolhidos por militares em atendimentos da terapia ocupacional esportiva, devido aos desafios físicos e psicológicos, que se equiparam a vida militar, em especial a capacidade de passar por frustrações e perdas.

O atletismo por ser uma modalidade de impacto, requer que o terapeuta ocupacional acompanhe os treinos e faça orientações que evitem lesões. Guyton (2017) reforça o cuidado em relação ao trabalho muscular – potência, resistência e força de sustentação, principalmente, a força que é aplicada sobre os tendões e ligamentos para que assim as lesões sejam prevenidas e a equipe aproveite o máximo de potencial possível do atleta.

Na atuação do TO a orientação não se limita apenas na execução da modalidade, também está ligada a atividade cotidiana e as competições. Carvalho *et al* (2018) reafirmam que o terapeuta ocupacional orienta atletas na preparação para as competições e nos cuidados pessoais, como a qualidade do sono e o controle da ansiedade – que pode levar a sonolência diurna e insônia,

e interferir na sua performance (TSUNODA *et al*, 2017), muito comum em momentos de pré competição (RODRIGUES *et al*, 2017).

Por isso, a preparação física associada ao uso de adaptação mais as orientações, permitem melhores experiências na prática esportiva, evita lesões, promove conforto ao treino e favorece os ajustes posturais (CARVALHO *et al*, 2018; FERREIRA, BUSSMANN, GREGUOL, 2004, RADCLIFFE, 2017; VITAL *et al*, 2007).

Uma das ações mais esperadas pelos atletas no setor da Terapia Ocupacional eram as atividades em grupos – alongamento e a oficina de dança. Além de proporcionar a estimulação sensoriomotora e cognitiva, essas atividades facilitavam a socialização gradativa, uma nova sensação de pertencer (MELLO; DITURI; MARCOLINO, 2020). Se engajar em atividades novas, é promover o bem-estar e a participação (FERREIRA *et al*, 2017; TEIXEIRA, 2020).

No presente trabalho, as atividades grupais, como nos trabalhos de Rogers; Mallison e Peppers (2014) e Côté-Leclerc *et al* (2017) foram importantes na troca de experiências e ampliação do ciclo social, que permitiram a interação do grupo em competições, confraternizações e eventos, possibilitando encontros com outros atletas com deficiências e profissionais do desporto. No estudo de Freire *et al* (2019) apontam esses benefícios e ressalta que a vivência dessa realidade, permite mudanças na concepção de qualidade de vida.

Cada pessoa é única e complexa, exigindo que os serviços que a atenda considerem suas particularidades (SILVA; ALVES, 2020; CARVALHO *et al*, 2018). Por isso, as intervenções não seguiram uma ordem cronológica e generalista. O treino do ciclo da marcha, treino de AVD, adaptação da cadeira de rodas, análise do alcance funcional, acolhimento às questões emocionais e reorganização da rotina, foram em direção às demandas individuais. Ademais, o tempo de intervenção foi diversificado até que ocorressem os resultados, de acordo com o tempo no projeto e suas especificidades.

Para os atletas do projeto, o engajamento no esporte como uma nova ocupação de vida gerou motivação para um recomeço, e identificar essa ocupação como lazer ou trabalho passou a ter relação direta com a classificação funcional e as competições. O reconhecimento das barreiras e facilitadores se tornou inevitável para a prática dessa atividade (SERONA; ARRUDA;

GREGUOL, 2015), como também a reflexão sobre as reais oportunidades de participação das pessoas com deficiência no esporte (ZACARIA; ALVES, 2020).

Assim, a ida às competições e eventos sociais começam a fazer parte da rotina do atleta (TEIXEIRA, 2020). E, participar de um ambiente competitivo permite pensar na construção de uma carreira esportiva, superação de desafios e ampliação do seu repertório ocupacional (BESERRA; MANZINI; MARTINEZ, 2019; CARIN-LEVY; JONES, 2007).

Entretanto, nem sempre o ambiente de competição é satisfatório. A falta de recursos assistivos adaptados interfere no resultado e metas pessoais para conseguir a classificação funcional (SILVA *et al*, 2013; SOBIECKA *et al*, 2015, TOLDRÁ; SOUTO, 2014). E nesse sentido, foi observado que a maioria dos participantes relaciona o papel ocupacional de atleta e a concepção do esporte como trabalho à participação de competições e a conquista da CF.

Os resultados satisfatórios alcançados pelos atletas durante as intervenções do TO junto à equipe técnica despertaram expectativas desses militares reformados em relação ao futuro no esporte. Portanto, o treinamento das condições diretas (físicas, técnicas de movimentos e tática esportiva) e condições indiretas (capacidades orgânicas, motoras, cognitivas e afetivas) favorecem a aplicabilidade dessas habilidades na competição (GROFF; LUNDBERG; ZABRISKIE, 2009; KISS; BÖHME, 1999).

Para iniciar uma carreira esportiva se faz necessário conseguir a CF – método baseado em código de classificação próprio da modalidade paralímpica que elege o atleta para uma classe para poder competir no esporte adaptado (CPB, 2019) e depois agrupam de acordo com o impacto da deficiência no gesto esportivo, como também os potenciais funcionais a fim de concorrer às competições legalmente (SILVA *et al*, 2013; TWEEDY; CONNICK; BECKMAN, 2018).

Apesar de não haver artigos acadêmicos que mostram o terapeuta ocupacional como um classificador, o mesmo poderá ser autorizado pelas federações nacionais e/ou internacionais e nomeado especificamente para uma competição, para contribuir com a avaliação física, técnica e de observação – averiguar o movimento feito em competição e determinar até que ponto o atleta será capaz de executá-lo e assim alocar a classe esportiva (CPB, 2019). O COFFITO (2018) sustenta a utilização da linguagem da CIF como complemento,

assim como o saber em relação à funcionalidade (FERREIRA *et al*, 2017; SILVA; ALVES, 2020).

A classificação funcional tem uma representação de destaque para os participantes colaborando com a transformação do papel ocupacional do esporte em suas vidas. Como resultado desta pesquisa cinco participantes passaram a entender o esporte como uma ocupação laboral e dois continuaram a identificar essa ocupação como lazer, provavelmente ligado a não conquista da CF, que vai ao encontro do estudo de Mello; Dituri e Marcolino (2020) que defende o reconhecimento do papel ocupacional a partir de experiências subjetivas vindas da consciência. Entretanto, todos os participantes se reconhecem como atletas por conta dos treinos e participação em competições - identidade atlética, que por sua vez, pode influenciar na concepção da qualidade de vida (GROFF; LUNDBERG; ZABRISKIE, 2009).

No estudo de Campos; Cappelle e Maciel (2017), o esporte é reconhecido como um trabalho, quando esse se torna de fato a principal atividade com investimento físico e temporal, com retorno financeiro, destaque social e cultural para o atleta e para os que estão relacionados ao esporte.

O estudo de Pate *et al* (2020), não só reconhece a importância do esporte na qualidade de vida, mas destaca o combate às barreiras – estruturais, aos direitos humanos e à educação no esporte para pessoas com deficiência.

Para além disso, os próprios atletas com deficiência parecem não conhecer e usufruir de políticas públicas direcionadas ao esporte adaptado (CARVALHO; ALVES, 2020). Esses devem reconhecer seu espaço, a fim de criar mudanças sociais acerca da deficiência de forma mais ampla (HASLETT; CHOI; SMITH, 2020) e lutar por condições que permeiam a complexidade do esporte adaptado (SILVA; OLIVER, 2019).

Muitos autores acreditam que a discussão acadêmica, científica e dos atletas sobre o esporte adaptado possibilita novos investimentos, traz visibilidade para essa área e contribui para o desempenho ocupacional de atletas com deficiência (CARVALHO *et al*, 2018; PATATAS *et al*, 2019). Ademais, demonstrar uma nova área perante os muitos saberes não é uma tarefa fácil, permite fomentar novas teorias práticas que possivelmente poderá ser concretizada em disciplinas acadêmicas no estudo de mais um fazer da Terapia Ocupacional.

Este estudo foi interrompido pela pandemia, causada pela COVID-19, que provocou o fechamento temporário das atividades na CDA e para concluir essa pesquisa foi necessário realizar uma entrevista semiestruturada de forma on-line com os atletas. A paralisação dos treinos teve um grande impacto na rotina e na *performance* dos atletas. Todos os participantes relataram dificuldades e perdas no condicionamento físico, além de questões emocionais e sociais agravadas pelo distanciamento. Esta situação permaneceu até a finalização desse trabalho, o que demonstrou a necessidade de um novo estudo que se aprofunde nessa temática.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa possibilitou identificar a importância do terapeuta ocupacional no esporte adaptado. Percebeu-se o benefício que esse profissional pode realizar no desporto e paradesporto, e sua relação com o papel ocupacional, que pode ser mudado conforme as experiências vividas pelos atletas com deficiência no esporte.

A análise documental permitiu visualizar as intervenções pautadas no raciocínio clínico do terapeuta ocupacional direcionada ao esporte. E os relatos garantiram fidedignamente a concepção do esporte no contexto individual, as reais demandas de desempenho ocupacional e a relação do esporte com as características de trabalho.

A construção de papéis a partir do esporte pode, então, ser um importante caminho para a atuação do terapeuta ocupacional junto às pessoas com deficiências, uma vez que se entende que esse papel exige novas atividades, ou até mesmo um grau de independência para que se mantenham como atletas, garantindo sua participação e os seus direitos enquanto cidadão.

Reconhece que esse estudo possui limitações de pesquisa, como a aplicação da entrevista semiestruturada que ocorreu on-line em período de pandemia, que possivelmente pode ter interferido nas respostas, principalmente no que se refere às perspectivas futuras com o esporte, devido ao distanciamento dos treinos e cancelamento de competições que poderiam levar a classificação funcional daqueles que ainda não tinham.

Com essa pesquisa, foi possível identificar que o incentivo às novas atividades promove à reconstrução da participação plena de pessoas com deficiência na vida social, produtiva e de lazer. Espera-se que através desse estudo, novos trabalhos acadêmicos surjam para reafirmar o espaço da Terapia Ocupacional no esporte e que mais atletas sejam favorecidos pelos serviços desse profissional.

Além disso, haja a iniciação da disciplina “TO no esporte” nos cursos de graduação para reafirmar o espaço da Terapia Ocupacional no esporte.

REFERÊNCIAS

ABREU, E. M. de C. *et al.* Efeitos da canoagem adaptada sobre o sistema cardiopulmonar do paraplégico. **Revista Brasileira de Medicina e Esporte**, v. 22, n. 5, p. 386 – 392, 2016. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-86922016000500386#:~:text=demonstraram%20aumento%20de%20rMSSD%2C%20dos,o%20sistema%20cardiovascular%20de%20parapl%C3%A9gicos. Acesso em março de 2020.

AOTA. Estrutura da prática da Terapia Ocupacional: domínio & processo. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 26, n. 3, p. 1 – 49, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v26iespp1-49>. Acesso em março de 2020.

ARAUJO, P. P. de *et al.* Perfil da composição corporal de adolescentes praticantes de basquetebol de cadeira de rodas. **Revista Brasileira de Nutrição Esportiva**, v. 9, n. 53, p. 498 – 505, 2015. ISSN 1981-9927. Disponível em: <http://www.rbne.com.br/index.php/rbne/article/view/580>. Acesso em março de 2020.

ARROXELLAS, R. D. de *et al.* Bocha adaptada: análise cinemática do arremesso e sua relação com a realidade virtual. **Revista Brasileira de Ciências e do Esporte**, v. 39, n. 2, p. 160 – 167, 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010132892017000200160&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em março de 2020.

BERNARDO, L. D.; CARVALHO, C. R. A. de. O papel do engajamento cultural para idosos: uma revisão integrativa da literatura. **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.**, v. 23, n. 6, p. 1 – 13, 2020. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-98232020000600301&tlng=en. Acesso em março de 2020.

BESERRA, M. A. G.; MANZINI, M. L.; MARTINEZ, C. M. S. Percepção de atletas do rugby em cadeira de rodas sobre os apoios recebidos para a prática do esporte adaptado. **Caderno Brasileiro de Terapia Ocupacional**, v. 27, n. 3, p. 615 – 627, 2019. ISSN 25268910. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2526-89102019005007101. Acesso em março de 2020.

BRASIL. Lei 6880 de 9 de Dezembro de 1980: Estatuto dos Militares. **Ministério da defesa**, 1980. Disponível em: http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw_Identificacao/lei%206.880-1980?OpenDocument. Acesso em março de 2020.

_____. VIVER SEM LIMITE – Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência: **SDH-PR/SNPD**, 2013. Disponível em <http://www.desenvolvimentosocial.sp.gov.br/a2sitebox/arquivos/documentos/633.pdf>. Acesso em março de 2020.

_____. Lei 13.146 de 06 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). **Diário Oficial da União** 7 jul. 2015. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em março de 2020.

CALDAS, A. S. C.; FACUNDES, V. L. D.; SILVA, H. J. O uso da Medida Canadense de Desempenho Ocupacional em estudos brasileiros: Uma revisão sistemática. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 22, n. 3, p. 238-244, set./dez. 2011. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rto/article/view/46397>. Acesso em março de 2020.

CAMARGO, C. O. de; MASCARIN, I.; NUNES, N. Benefícios do treinamento de força e natação sobre a independência funcional de paciente com lesão medular tetraparesia. **Revista brasileira de prescrição e fisiologia do exercício**, São Paulo, v. 4, n. 19, p. 66 – 73, 2010. ISSN 1981-9900. Disponível em: <http://www.rbpfex.com.br/index.php/rbpfex/article/view/223/226>. Acesso em março de 2020.

CAMPOS, R. C.; CAPPELLE, M. C. A.; MACIEL, L. H. R. Carreira esportiva: O Esporte de Alto Rendimento como Trabalho, Profissão e Carreira. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 18, n. 1, p. 31 – 41, 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbop/v18n1/04.pdf>. Acesso em março de 2020.

CARIN-LEVY, G.; JONES, D. Psychosocial aspects of scuba diving for people with physical disabilities: An occupational science perspective. **Revue Canadienne D'Ergothérapie**, v. 74, n. 1, p. 6 – 14, 2007. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.2182/cjot.06.07>. Acesso em março de 2020.

CARVALHO, A. J. M.; GRANDE, A. A. B. de. Perfil das atividades de vida diária dos atletas paraolímpicos de alta performance elaborado através do questionário HAQ. **Cadernos de Terapia Ocupacional UFSCAR**, São Carlos, v. 20, n. 2, p. 273 – 278, fevereiro 2012. ISSN 0104-4931. Disponível em: <http://www.cadernosdeto.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/630/385>. Acesso em março de 2020.

CARVALHO, J. F.; ALVES, A. C. de J. Caracterização dos fatores pessoais, políticas públicas, ambiente e tecnologia assistiva na participação de adolescentes com deficiência que praticam esportes de competição. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**, Brasília, v. 10, n. 2, p. 150 – 164, 2020. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBPE/article/download/11159/7020>. Acesso em março de 2020.

CARVALHO *et al.* Tecnologia Assistiva de baixo custo nos esportes paraolímpicos: Contribuições da Terapia Ocupacional. In: MEDOLA, F. O.; PASCHOARELLI, L. C. (Ed.). **Tecnologia Assistiva Desenvolvimento e Aplicação**. [S.l.]: Canal 6, 2018. cap. 2, p. 101 – 107. ISBN 978-85-7917-514-5.

COFFITO. **Resolução nº415**, de 19 de Maio de 2012. Disponível em: <https://www.coffito.gov.br/nsite/?p=3178#:~:text=RESOLU%C3%87%C3%83O%20N%C2%BA.,descarte%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%AAs>. Acesso em março de 2020.

COFFITO. Resolução Nº 495 de 18 de Dezembro de 2017. **Disciplina a Atuação Profissional da Terapia Ocupacional no Desporto e Paradesporto e dá outras providências.**, Julho 2018. Disponível em: <https://www.coffito.gov.br/nsite/?p=8781>. Acesso em março de 2020.

COOPER, R. A.; LUIGI, A. J. D. Adaptive Sports Technology and Biomechanics: Wheelchairs. **Paralympic Sports Medicine and Science**, v. 6, p. 31 – 39, 2014. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/25134750/>. Acesso em março de 2020.

COSTA, E. F. *et al.* Ciência Ocupacional e Terapia Ocupacional: Algumas reflexões. **Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup.**, v. 1, n. 5, p. 650 – 663, 2017. Disponível em: <https://doaj.org/article/d5c5eaf01e854363ad414bea833580b0>. Acesso em março de 2020.

CÔTÉ-LECLERC, F. *et al.* How does playing adapted sports affect quality of life of people with mobility limitations? Results from a mixed-method sequential explanatory study. **Health and Quality of Life Outcomes**, v. 15, n. 22, p. 1 – 8, 2017. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5264324/>. Acesso em março de 2020.

COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO (CPB). **Curso de Movimento paraolímpico: fundamentos básicos do esporte**. 2019. Slide

CREPEAU, E. B. Análise de Atividades: Uma forma de refletir sobre o desempenho ocupacional. In: NEISTADT, M. E.; CREPEAU, E. B. **Terapia Ocupacional**. 9. ed. [S.l.: s.n.], 2002. cap. 12, p. 121 – 132.

DIAZ, R. *et al.* Impact of Adaptive Sports Participation on Quality of Life. **Sports Med Arthrosc Rev**, v. 27, n. 2, p. 73 – 82, 2019. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/31046012>. Acesso em março de 2020.

FASOLI, S. E. Avaliando papéis e competências. In: RADOMSKI, M. V.; LATHAM, C. A. T. (Ed.). **Terapia Ocupacional para disfunções físicas**. 6. ed. [S.l.]: SANTOS, 2013. cap. 4, p. 70 – 90. ISBN 97872888790.

FERREIRA, F.; BUSSMANN, A.; GREGUOL, M. Incidência de lesões em atletas de basquetebol em cadeira de rodas. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 24, n. 2, p. 134-140, 28 abr. 2014. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rto/article/view/79641>>. Acesso em março de 2020.

FERREIRA, N. R. *et al.* Contribuições do esporte adaptado: Reflexões da Terapia Ocupacional para a área da saúde. **Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 52 – 66, 2017. Disponível em: < <https://revistas.ufrj.br/index.php/ribto/article/view/4281> >. Acesso em março de 2020.

FISHER, A. G. Occupation-centred, occupation-based, occupation-focused: Same, same or different? **Scandinavian Journal of Occupational Therapy**, v. 20, p. 162 – 173, 2013. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/23311311/>. Acesso em março de 2020.

FLIESS-DOUER, O.; VANLANDEWIJCK, Y. C.; WOUDE, L. H. V. V. D. Most Essential Wheeled Mobility Skills for Daily Life: An International Survey Among Paralympic Wheelchair Athletes With Spinal Cord Injury. **Arch Phys Med Rehabil**, v. 93, p. 629 – 635, 2012. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/22360975/>. Acesso em março de 2020.

FLICK, U. **Métodos de pesquisa**: Introdução a metodologia de pesquisa: Um guia para iniciantes. Porto Alegre: Penso, 2013. 248 p. Disponível em: <https://www.ets.ufpb.br/pdf/2013/2%20Metodos%20quantitat%20e%20qualitat%20%20IFES/Bauman,%20Bourdieu,%20Elias/Livros%20de%20Metodologia/Flick%20-%20Introducao%20%20C3%A0%20Metodologia%20da%20Pesquisa.pdf>. Acesso em março de 2020.

FREIRE, G. L. M. *et al.* Percepção da qualidade de vida em atletas de atletismo e natação paralímpica. **Cad. Bras. Ter. Ocup.**, São Carlos, v. 27, n. 2, p. 384 – 389, 2019. ISSN 2526-8910. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cadbto/v27n2/2526-8910-cadbto-2526-8910ctoAO1775.pdf>. Acesso em março de 2020.

GALLAHUE, D. L.; OZMUN, J. C.; GOODWAY, J. D. Desenvolvimento Fisiológico e Psicossocial em Adultos. In: GALLAHUE, D. L.; OZMUN, J. C.; GOODWAY, J. D. (Ed.). **Compreendendo o desenvolvimento motor bebês, crianças, adolescentes e adultos**. 7. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013. cap. 18, p. 377 – 409. ISBN 978-85-8055-180-S.

GROFF, D. G.; LUNDBERG, N. R.; ZABRISKIE, R. B. Influence of adapted sport on quality of life: Perceptions of athletes with cerebral palsy. **Disability and Rehabilitation**, v. 31, n. 4, p. 318 – 326, 2009. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/18608427>. Acesso em março de 2020.

GUTTMANN, L. *et al.* History of the National Spinal Injuries Centre. In: **proceedings of the Annual Scientific Meeting of the Society held at Stoke Mandeville Hospital**. Aylesbury: [s.n.], 1967. p. 115 – 126. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/sc196714.pdf?origin=ppub>. Acesso em março de 2020.

GUYTON, A. C. Fisiologia esportiva. In: GUYTON, A. C. (Ed.). **Tratado de fisiologia médica**. 13. ed. [S.l.]: Elsevier, 2017. cap. 85, p. 2161 – 2183.

HANSON, C. Restaurando a competência em atividades de lazer. In: RADOMSKI, M. V.; LATHAM, C. A. T. (Ed.). **Terapia Ocupacional para disfunções físicas**. 6. ed. São Paulo: Santos, 2013. cap. 34, p. 909 – 923.

HASLETT, D.; CHOI, I.; SMITH, B. Para athlete activism: A qualitative examination of disability activism through Paralympic sport in Ireland. **Psychology of Sport & Exercise**, v. 47, p. 1 – 9, 2020. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S146902921930473X>. Acesso em março de 2020.

HILL, D. *et al.* Athletic Assistive Technology for Persons with Physical Conditions Affecting Mobility. **Journal of Prosthetics and Orthotics**, v. 26, n. 3, p. 154 – 165, 2014. Disponível em: https://journals.lww.com/ipojournal/Fulltext/2014/07000/Athletic_Assistive_Technology_for_Persons_with.7.aspx?WT.mc_id=HPxADx20100319xMP. Acesso em março de 2020.

IBGE. **Conheça o Brasil - População pessoas com deficiência**. 2010a. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/20551-pessoas-com-deficiencia.html>. Acesso em março de 2020.

KISS, M. A. P. D.; BÖHME, M. T. S. Laboratório de desempenho esportivo. **Revista paulista de Educação Física**, v. 13, p. 62 – 68, 1999. ISSN 2594-5904. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rpef/article/view/139867>. Acesso em março de 2020.

KRATZ, G. *et al.* Wheelchair users' experience of non-adapted and adapted clothes during sailing, quad rugby or wheel-walking. **Disability and Rehabilitation**, v. 19, n. 1, p. 26 – 34, 1997. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/9021282>. Acesso em março de 2020.

LAZERA, L. N. **Análise cinética-ocupacional do arremesso de atletas de alto rendimento na atividade esportiva bocha adaptada**. 2017. 34 p. Monografia (Terapia Ocupacional) — Instituto Federal do Rio de Janeiro.

LAZERA, L. N. *et al.* Relato de experiência: Terapia Ocupacional no paradesporto. In: **II Semanex: Semana de extensão do ifrj** “políticas de extensão, tecnologia e cultura”. [s.n.], 2017. p. – 124. Disponível em: https://portal.ifrj.edu.br/sites/default/files/IFRJ/PROEX/e-book_semanex_com_isbn_e_codigo_de_barras.pdf. Acesso em março de 2020.

MACDONALD, L. A.; OPRESCU, F.; KEAN, B. M. An evaluation of the effects of mindfulness training from the perspectives of wheelchair basketball players. **Psychology of Sport & Exercise**, v. 37, p. 188 – 195, 2018. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1469029217305137?via%3DiHub>. Acesso em março de 2020.

MAGALHÃES, L. Ocupação e atividade: tendências e tensões conceituais na literatura anglófona da terapia ocupacional e da ciência ocupacional. **Caderno**

de Terapia Ocupacional da UFSCar, São Carlos, v. 21, n. 2, p. 255 – 263, 2013. ISSN 0104-4931. Disponível em: <http://doi.editoracubo.com.br/10.4322/cto.2013.027>. Acesso em março de 2020.

MARQUES, M. P. **Caracterização dos fatores ambientais no paraesporte segundo o raciocínio clínico da CIF: A tecnologia assistiva, fatores pessoais, sociais e desempenho**. 2017. 12 p. Dissertação (Programa de pós graduação em Ciências da Reabilitação) — Universidade de Brasília: Faculdade de Ceilândia. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/31574>. Acesso em março de 2020.

MCARDLE, W. D.; KATCH, F. I.; KATCH, V. L. Força Muscular: Treinando os músculos para se tornarem mais fortes. In: KOOGAN, G. (Ed.). **Fisiologia do exercício: Nutrição, energia e desempenho humano**. 7. ed. [S.l.: s.n.], 2011. cap. 22, p. 506 – 545. ISBN 978-85-277-1816-5.

MEDEIROS, R. M. V. *et al.* Assessment of body composition and sport performance of Brazilian Paralympic swimming team athletes. **Journal of Sport Rehabilitation**, p. 364 – 370, 2016. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/27632832>. Acesso em março de 2020.

MELLO, A. C. C. de; DITURI, D. R.; MARCOLINO, T. Q. A construção de sentidos sobre o que é significativo: diálogos com Wilcock e Benetton. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar**, São Carlos, v. 28, n. 1, p. 532 – 373, 2020. ISSN 2526-8910. Disponível em: <http://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/2473/1297>. Acesso em março de 2020.

MELLO, M. A. F.; MANCINI, M. C. Métodos e técnicas de avaliação nas áreas de desempenho ocupacional. In: CAVALCANTI, A.; GALVÃO, C. **Terapia Ocupacional: fundamentação & prática**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007. p. 49-52.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 13. ed., São Paulo: Hucitec, 2010.

MINISTÉRIO PÚBLICO DO TRABALHO (MPT). Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência. **Protocolo Facultativo à Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência: Decreto Legislativo nº 186, de 09 de julho de 2008: Decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009: Declaração Universal dos Direitos Humanos**., Espírito Santo, n. 1, p.1-126, 2014. Disponível em: http://www.pcdlegal.com.br/convencaoonu/wp-content/themes/convencaoonu/livrodigital/files/assets/common/downloads/convencao_onu.pdf. Acesso em março de 2020.

MOSS, A.; FOWLER, N.; GOOSEY-TOLFREY, V. The intra-push velocity profile of the over-ground racing wheelchair sprint start. **Journal of Biomechanics**, v. 38, p. 15 – 22, 2005. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/15519335/>. Acesso em março de 2020.

NASCIMENTO, L. G. do; SILVA, S. M. L. da. Benefícios da atividade física sobre o sistema cardiorrespiratório, como também, na qualidade de vida de portadores de lesão medular: Uma revisão. **Revista brasileira de prescrição e fisiologia do exercício**, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 42 – 50, 2007. ISSN 1981-9900. Disponível em: <http://www.rbpfex.com.br/index.php/rbpfex/article/view/26/25>. Acesso em março de 2020.

NAVARRO, E. J.; STOFFEL, D. P.; NICKEL, R. A independência funcional e a manutenção dos papéis ocupacionais em sujeitos com sequelas neurológicas. **Cogitare Enfermagem**, v. 18, n. 4, p. 676 – 681, 2013. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/34919>. Acesso em março de 2020.

NUBILA, H. B. V. D.; BUCHALLA, C. M. O papel das Classificações da OMS - CID e CIF nas definições de deficiência e incapacidade. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 11, n. 2, p. 324 – 335, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbepid/v11n2/14.pdf>. Acesso em março de 2020.

OLSSON, C. Complex motor representations may not be preserved after complete spinal cord injury. **Experimental Neurology**, v. 236, p. 46 – 49, 2012. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/22504114/>. Acesso em março de 2020.

OMS. **O caminho à frente: recomendações. In: Relatório Mundial sobre a Deficiência.** World Report on Disability. Tradução: Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Governo do Estado de São Paulo, p.269-78. 2011. Disponível em https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/44575/9788564047020_por.pdf?sequence=4. Acesso em março de 2020.

OMS. Organização Mundial da Saúde – **Classificação Internacional de Funcionalidade e Incapacidade (CIF)**, Lisboa, 2004. Disponível em: <http://www.inr.pt/uploads/docs/cif/CIF_port_2004.pdf>. Acesso em março de 2020.

ONU BRASIL. **A ONU e as pessoas com deficiência.** 2011. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/acao/pessoas-com-deficiencia/>. Acesso em março de 2020.

ONU BRASIL. **Guterres: ONU está determinada a dar o exemplo sobre direitos de pessoas com deficiência.** 2019. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/guterres-onu-esta-determinada-a-dar-o-exemplo-sobre-direitos-de-pessoas-com-deficiencia/>. Acesso em março de 2020.

ONU BRASIL. **Primeiro relatório da ONU sobre deficiências e desenvolvimento aponta lacunas na inclusão.** 2018. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/primeiro-relatorio-da-onu-sobre-deficiencias-e-desenvolvimento-aponta-lacunas-na-inclusao/>. Acesso em março de 2020.

PATATAS, J. M. *et al.* Managing parasport: An investigation of sport policy factors and stakeholders influencing para-athletes' career pathways. **Sport**

Management Review, p. 1 – 15, 2019. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1441352319302785?via%3Dihub>. Acesso em março de 2020.

PATE, J. R. *et al.* Sport as a tool for community leaders of people with disabilities: exploring an innovative, immersive exchange training program. **Managing Sport and Leisure**, v. 25, n. 3, p. 146 – 160, 2020. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/23750472.2019.1653219>. Acesso em março de 2020.

POLLOCK, N.; MCCOLL, M. A.; CARSWELL, A. Medida de Performance Ocupacional Canadense. In: POLLOCK, N.; MCCOLL, M. A.; CARSWELL, A. (Ed.). **Prática baseada no cliente na Terapia Ocupacional guia para implementação**. 1. ed. [S.l.: s.n.], 2003. cap.10, p. 183 – 202. ISBN 9788572414241.

PONTES, T. B.; POLATAJKO, H. Habilitando ocupações: Prática baseada na ocupação e centrada no cliente na Terapia Ocupacional. **Caderno de Terapia Ocupacional da UFSCar**, v. 24, n. 2, p. 403 – 412, 2016. ISSN 0104-4931. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4322/0104-4931.ctoARF0709>. Acesso em março de 2020.

QUEIROZ, A. R. S. de. *et al.* Adaptação paradportiva, satisfação pessoal e respostas ocupacionais do militar com deficiência. In: Fis, R. de E. (Ed.). **Anais do IV Fórum Científico da Escola de Educação Física do Exército (EsEFEx)**, 2017. v. 86, n. 2, p. 108– 110. Disponível em: http://177.38.96.106/index.php/revista/article/view/244/pdf_81>. Acesso em março de 2020.

RADCLIFFE, J. C. Visão geral. In: RADCLIFFE, J. C. (Ed.). **Treinamento funcional para atletas de todos os níveis: séries para agilidade, velocidade e força**. Porto Alegre: Artmed, 2017. cap. 1, p. 2 – 24. ISBN 978-85-8271-371-6.

RODRIGUES, D. F. *et al.* Profiles of mood states, depression, sleep quality, sleepiness, and anxiety of the Paralympic athletics team: A longitudinal study. **Apunts Med Esport**, v. 52, n. 195, p. 93 – 101, 2017. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1886658116300342>. Acesso em março de 2020.

ROGERS, C. M.; MALLINSON, T.; PEPPERS, D. High-Intensity Sports for Posttraumatic Stress Disorder and Depression: Feasibility Study of Ocean Therapy With Veterans of Operation Enduring Freedom and Operation Iraqi Freedom. **The American Journal of Occupational Therapy**, v. 68, p. 395 – 404, 2014. Disponível em: <https://ajot.aota.org/article.aspx?articleid=1884509>. Acesso em março de 2020.

SALLES-COSTA, R. *et al.* Gênero e prática de atividade física de lazer. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 19, n. 2, p. 325 – 333, 2003. ISSN 1678-4464. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2003000800014&lng=en. Acesso em março de 2020.

SALLY SCHULTZ. Teoria da Adaptação Ocupacional. In: CREPEAU, E. B. ; SCHELL, B. A. B. Willard & Spackman – **Terapia Ocupacional**. 11. Ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011.

SCHÖLLHORN, W. I.; BECKMANN, H.; DAVIDS, K. Exploiting system fluctuations. Differential training in physical prevention and rehabilitation programs for health and exercise. **Medicina**, Kaunas, v. 46, n. 6, p. 365 – 373, 2010. Disponível em: <http://medicina.lsmuni.lt/med/1006/1006-01e.htm>. Acesso em março de 2020.

SERONA, B. B.; ARRUDA, G. A. de; GREGUOL, M. Facilitadores e barreiras percebidas para a prática de atividade física por pessoas com deficiência motora. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Londrina, v. 37, n. 3, p. 214 – 221, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbce/v37n3/0101-3289-rbce-37-03-0214.pdf>. Acesso em março de 2020.

SILVA, A. C. C. da; OLIVER, F. C. Pessoas com deficiência no caminho da democracia participativa. **Cad. Bras. Ter. Ocup.**, São Carlos, v. 27, n. 2, p. 279 – 292, 2019. ISSN 2526-8910. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cadbto/v27n2/2526-8910-cadbto-2526-8910ctoAO1604.pdf>. Acesso em março de 2020.

SILVA, A. de A. C. *et al.* Esporte adaptado: abordagem sobre os fatores que influenciam a prática do esporte coletivo em cadeira de rodas. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 27, n. 4, p. 679 – 687, 2013. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/77921>. Acesso em março de 2020.

SILVA, A. *et al.* Mapeamento geográfico de atletas paraolímpico brasileiro. **Movimento**, Porto Alegre, v. 25, n. 25052, p. 1 – 13, 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/download/88691/54089>. Acesso em março de 2020.

SILVA, I. C. do Nascimento da; ALVES, A. C. de J. Identificação das tecnologias assistivas no esporte paralímpico: contribuições e barreiras. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 28, n. 3, p. 917 – 930, 2020. ISSN 2526-8910. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cadbto/v28n3/2526-8910-cadbto-2526-8910ctoAO1933.pdf>. Acesso em março de 2020.

SILVA, M. C. R. da; OLIVEIRA, R. J. de; CONCEIÇÃO, M. I. G. Efeitos da natação sobre a independência funcional de pacientes com lesão medular. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, v. 11, n. 6, pp. 251 – 256, 2005. ISSN 1517-8692. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbme/v11n4/26869.pdf>. Acesso em março de 2020.

SILVA, N. de Oliveira Monteiro da. Intervenções do Terapeuta Ocupacional em atletas com lesão medular. **Revista Saúde.com-Ciência**, n. 1, p. 43 – 58, 2020. ISSN 2594-5890. Disponível em: <https://revistascientificas.ifrj.edu.br/revista/index.php/saudeeconsciencia/article/view/1200/774>. Acesso em março de 2020.

SILVA, N. de O. M.; GRAÇA, M. C. Q.; QUEIROZ, A. R. S. de. Terapia Ocupacional no esporte: Uma revisão de literatura. In: **XIII Jornada de Iniciação Científica e Tecnológica (XIII JIT) - IFRJ**. [S.l.: s.n.], 2019.

SILVA, S. N. P. da. Análise de atividade. In: CAVALCANTI, A.; GALVÃO, C. (Ed.). **Terapia Ocupacional: Fundamentação e prática**. [S.l.: s.n.], 2007. cap. 12, p. 111 – 124. ISBN 978-85-277-1285-9.

SOBIECKA, J. *et al.* Standards of Conditions During Preparations for the Summer Paralympic Games Between 2004 and 2012 Assessed by Polish Athletes. **Journal of Human Kinetics**, v. 48, p. 111 – 121, 2015. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4721613/>. Acesso em março de 2020.

SOUTO, E. C. *et al.* O PET - Rede de Atenção a Pessoa com Deficiência na Formação de Acadêmicos da Área da Saúde: um Relato de Experiência na Prática do Esporte Adaptado. **Revista Brasileira de Ciências da Saúde**, p. 153 – 156, 2014. ISSN 1415-2177. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/rbcs/article/view/21026>. Acesso em março de 2020.

STOFFELA, D. P.; NICKEL, R. A utilização da atividade como ferramenta no processo de intervenção do terapeuta ocupacional em reabilitação neurológica. **Caderno de Terapia Ocupacional da UFSCar**, v. 21, n. 3, p. 617 – 622, 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4322/cto.2013.064>. Acesso em março de 2020.

SUMSION, T. Abordagem baseada no cliente. In: SUMSION, T. (Ed.). **Prática baseada no cliente na Terapia Ocupacional guia para implementação**. 1. ed. [S.l.: s.n.], 2003a. cap. 2, p. 25 – 34. ISBN 9788572414241.

SUMSION, T. Perspectiva da prática baseada no cliente. In: SUMSION, T. (Ed.). **Prática baseada no cliente na Terapia Ocupacional guia para implementação**. 1. ed. [S.l.: s.n.], 2003b. cap. 1, p. 1 – 22. ISBN 9788572414241.

SUS. **Desmistificação deficiência**: A deficiência na história. Universidade Federal do Maranhão, 2020a. Disponível em: <https://www.unasus.gov.br/cursos/curso/45922>. Acesso em março de 2020.

SUS. **Desmistificação deficiência**: Linha de cuidado à PDC: Reabilitação. Universidade Federal do Maranhão, 2020b. Disponível em: <https://www.unasus.gov.br/cursos/curso/45922>. Acesso em março de 2020.

SUS. **Desmistificação deficiência**: Marcos internacionais e nacionais dos direitos das pessoas com deficiência. Universidade Federal do Maranhão, 2020c. Disponível em: <https://www.unasus.gov.br/cursos/curso/45922>. Acesso em março de 2020.

TEIXEIRA, H. V. R. Paradesporto: da reabilitação ao alto rendimento - cliente com lesão medular. In: GRADIM, L. C. C.; FINARDE, T. N.; CARRIJO, D. C. De

M. (Ed.). **Práticas em Terapia Ocupacional**. 1. ed. [S.l.]: Manole, 2020. cap. 8, p. 60 – 66. ISBN 9788520461105.

TOLDRÁ, R. C.; SOUTO, A. C. F. Fatores contextuais da CIF como ferramentas de análise das implicações da aquisição de deficiência física por pessoas atendidas pela Terapia Ocupacional. **Caderno de Terapia Ocupacional da UFSCar**, v. 22, n. 2, p. 347 – 359, 2014. ISSN 0104-4931. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4322/cto.2014.061>. Acesso em março de 2020.

TSUNODA, K. *et al.* Correlation between sleep and psychological mood states in female wheelchair basketball players on a Japanese national team. **The Journal of Physical Therapy Science**, v. 29, p. 1497 – 1501, 2017. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5599808/>. Acesso em março de 2020.

TWEEDY, S. M.; CONNICK, M. J.; BECKMAN, E. M. Applying Scientific Principles to Enhance Paralympic Classification Now and in the Future. **Phys Med Rehabil Clin N Am**, v. 29, p. 313 – 332, 2018. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/29627091/>. Acesso em março de 2020.

UNITED NATIONS DEPARTMENT OF ECONOMIC AND SOCIAL AFFAIRS (UN DESA). **Realization of sustainable Development Goals by, for and with person with disabilities: UM Flagship Report on Disability and Development 2018**. [S.l.], 2018. Disponível em: <https://www.un.org/development/desa/disabilities/wp-content/uploads/sites/15/2018/12/UN-Flagship-Report-Disability.pdf>. Acesso em março de 2020.

VITAL, R. *et al.* Lesões traumato-ortopédicas nos atletas paraolímpicos. *Rev Bras Med Esporte*. 2007;13(3):165-8. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-86922007000300007>. Acesso em março de 2020.

WALTER, M.; KRASSIOUKOV, A. V. Autonomic Nervous System in Paralympic Athletes with Spinal Cord Injury. **Phys Med Rehabil Clin N Am**, p. 245 – 266, 2018. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/29627087/>. Acesso em março de 2020.

WHEELER, S. *et al.* Occupational Therapy Interventions for Adults With Traumatic Brain Injury. **Evidence Connection _The American Journal of Occupational Therapy**, v. 71, n. 3, 2017. Disponível em: <https://ajot.aota.org/article.aspx?articleid=2616210>. Acesso em março de 2020.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Global action plan to promote physical activity 2018-2030: more active people for a healthier world**. Geneva: World Health Organization, 2018. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/272722/9789241514187-eng.pdf?ua=1>. Acesso em março de 2020.

ZACARIAS, D. da C.; ALVES, A. C. de J. Investigação sobre barreiras ao uso da tecnologia assistiva na prática do esporte paralímpico. **Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional**, v. 4, n. 6, p. 857 – 872, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufri.br/index.php/ribto/article/view/34301>. Acesso em março de 2020.

ANEXOS

Anexo 1 – Medida Canadense de Desempenho Ocupacional (COPM)

MEDIDA CANADENSE DE DESEMPENHO OCUPACIONAL (COPM)¹

Segunda Edição

Autores: Mary Law, Sue Baptiste, Anne Carswell, Mary Ann McColl, Helene Polatajko, Nancy Pollack²

Nome do cliente: _____	Idade: _____	Sexo: _____
Entrevistado: _____ (se não for o cliente)	Registro nº: _____	
Terapeuta: _____		Data da avaliação: _____
Clinica/Hospital: _____	Programa: _____	Data prevista para reavaliação: _____
		Data da reavaliação: _____

PASSO 1: IDENTIFICAÇÃO DE QUESTÕES NO DESEMPENHO OCUPACIONAL

Para identificar problemas, preocupações e questões relativas ao desempenho ocupacional, entreviste o cliente questionando sobre as atividades do dia-a-dia no que se refere às atividades produtivas, de autocuidado e de lazer. Solicite ao cliente que identifique as atividades do dia-a-dia que quer realizar, que necessita realizar ou que é esperado que ele realize, encorajando-o a pensar num dia típico. Em seguida, peça que identifique quais dessas atividades atualmente são difíceis de realizar, de forma satisfatória. Registre estas atividades problemáticas nos Passos 1A, 1B ou 1C.

PASSO 2: CLASSIFICAÇÃO DO GRAU DE IMPORTÂNCIA

Usando os cartões de pontuação, peça ao cliente que classifique, numa escala de 1 a 10, a importância de cada atividade. Coloque as pontuações nos respectivos quadrados nos Passos 1A, 1B e 1C.

A. Autocuidado	Importância
Cuidados pessoais (ex.: vestuário, banho, alimentação, higiene)	<input type="text"/>
Mobilidade funcional: (ex.: transferências, mobilidade dentro e fora de casa)	<input type="text"/>
Independência fora de casa: (ex.: transportes, compras, finanças)	<input type="text"/>
	<input type="text"/>
B. Produtividade	Importância
Trabalho (remunerado/não-remunerado) (ex.: procurar/manter um emprego, atividades voluntárias)	<input type="text"/>
Tarefas domésticas (ex.: limpezas, lavagem de roupas, preparação de refeições)	<input type="text"/>
Brincar/Escola (ex.: habilidade para brincar, fazer o dever de casa)	<input type="text"/>
	<input type="text"/>
C. Lazer	Importância
Recreação tranquila (ex.: hobbies, leitura, artesanato)	<input type="text"/>
	<input type="text"/>
Recreação ativa (ex.: esportes, passeios, viagens)	<input type="text"/>
	<input type="text"/>
Socialização (ex.: visitas, telefonemas, festas, escrever cartas)	<input type="text"/>
	<input type="text"/>
	<input type="text"/>

¹ Canadian Occupational Performance Measure (COPM). Versão brasileira traduzida por Lívia C. Magalhães, Lílian V. Magalhães e Ana Amêlio Cardoso.

² Publicado pelo CAOT Publications ACE © M. Law, S. Baptiste, A. Carswell, M. A. McColl, H. Polatajko, N. Pollack, 2000

PASSO 3: PONTUAÇÃO – AVALIAÇÃO INICIAL

Confirme com o cliente os 5 problemas mais importantes e registre-os abaixo. Usando os cartões de pontuação, peça ao cliente para classificar cada problema no que diz respeito ao Desempenho e Satisfação, depois calcule a pontuação total. Para calcular a pontuação total some a pontuação do desempenho ocupacional ou da satisfação de todos os problemas e divida pelo número de problemas.

PASSO 4: REAVALIAÇÃO

No intervalo de tempo apropriado para reavaliação, o cliente classifica novamente cada problema, no que se refere ao Desempenho e à Satisfação.

Problemas de Desempenho Ocupacional	Avaliação Inicial		Reavaliação	
	Desempenho 1	Satisfação 1	Desempenho 2	Satisfação 2
1.				
2.				
3.				
4.				
5.				
Problemas de Desempenho Ocupacional	Pontuação do Desempenho 1	Pontuação da Satisfação 1	Pontuação do Desempenho 2	Pontuação da Satisfação 2
$\text{Pontuação Total} = \frac{\text{Pontuação Total do Desempenho ou da Satisfação}}{\text{N}^{\circ} \text{ de Problemas}}$	___ / ___ = ___	___ / ___ = ___	___ / ___ = ___	___ / ___ = ___

PASSO 5: COMPUTANDO OS ESCORES DE MUDANÇA

Calcule as mudanças, subtraindo a pontuação obtida na avaliação da obtida na reavaliação.

Mudança no Desempenho = Pontuação do Desempenho 2 ___ – Pontuação do Desempenho 1 ___ = ___

Mudança na Satisfação = Pontuação da Satisfação 2 ___ – Pontuação da Satisfação 1 ___ = ___

ANOTAÇÕES ADICIONAIS E OBSERVAÇÕES

Avaliação inicial:

Reavaliação:

¹Canadian Occupational Performance Measure (COPM). Versão brasileira traduzida por Lúcia C. Magalhães, Ulken V. Magalhães e Ana Arriêla Cardoso.

²Publicado pelo CAOT/Publiscans ACE © M. Lou, S. Baptista, A. Caswell, M. A. McCall, R. Polunsky, N. Pollock, 2000.

Anexo 2 – Entrevista semiestruturada: Avaliação dos resultados esportivos e ocupacionais através do esporte adaptado

<p>PERFIL DOS ATLETAS</p>	
<p>1. Nome/idade: _____ _____</p>	
<p>2. Modalidade esportiva: _____</p>	
<p>3. Classificação Funcional? Se sim, qual? _____</p>	
<p>4. Quanto tempo está participando do projeto _____ 4.1 Atualmente, como você compreende o esporte na sua vida?</p>	
<p>5. Você considera uma atividade de lazer ou trabalho? Por quê? _____</p> <p>5.1. Caso seja uma atividade de trabalho, quais foram suas expectativas com essa atividade? _____</p> <p>5.2. Caso seja uma atividade de lazer, quais foram suas expectativas com essa atividade? _____</p>	
<p>6. Você atualmente se considera um atleta? _____</p> <p>6.1. Se sim, como atleta, quais atividades passaram a fazer parte do seu cotidiano? _____ _____</p>	
<p>7. Quantas competições você já participou? E quais foram elas? _____</p> <p>7.1. Você já recebeu medalha(s)? quantas e quais foram? _____ _____</p>	
<p>8. Como você considera o trabalho da equipe de Terapia Ocupacional no projeto? _____</p> <p>8.1. Com a prática do esporte, você percebeu alguma mudança na execução das suas atividades? _____</p>	

9. Como você está se sentindo nesse período de pandemia? _____

9.1 Nesse período de distanciamento social, como ficaram os treinos? _____

9.2 Você consegue avaliar quais perdas você teve como atleta, neste período de pandemia?

9.3 Qual o impacto da pandemia no seu cotidiano

9.4 Quais são as suas expectativas para o ano de 2022? _____

Anexo 3 – Modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



Ministério da Educação
 Instituto Federal de Educação, Ciência e
 Tecnologia do Rio de Janeiro – IFRJ
 Comitê de Ética em Pesquisa – CEP IFRJ

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)
 (De acordo com as Normas das Resoluções CNS nº 466/12 e nº 510/16)

Você está sendo convidado(a) para participar da pesquisa intitulada “**Desporto em ação: Terapia Ocupacional no desporto e no paradesporto – relato de caso**”. Estamos solicitando sua autorização para consulta e utilização dos dados clínicos e funcionais registrados em sua ficha de prontuário. Sua participação neste relato é totalmente voluntária, ou seja, não é obrigatória. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com os pesquisadores e nem com qualquer setor desta Instituição.

Nosso **objetivo** é relatar o caso de atleta atendido pela terapia ocupacional e demonstrar as contribuições da Terapia Ocupacional no esporte.

Os **procedimentos** envolvidos no relato de caso são: consulta, análise documental e estudos das informações referentes às observações, intervenções e evolução terapêutico ocupacional que constam na ficha de prontuário. Eventualmente poderá ser utilizado registros de imagens e ou vídeo, tendo para isso que firmar termos de autorização para uso de imagem/voz. Desta forma, O estudo do seu caso permitirá conhecermos os processos de intervenção que contribuíram para a sua saúde, o seu desempenho ocupacional/atlético e o seu bem-estar na participação em atividades esportivas e cotidianas.

A descrição do relato de caso envolve **riscos** mínimos, mas sempre existe a remota possibilidade de quebra de sigilo, mesmo que involuntário e não intencional. Contudo, serão tomadas as seguintes providências para evitá-los/minimizá-los: As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre a sua participação. Os dados serão devidamente cuidados para divulgação de forma a não possibilitar a sua identificação e as imagens que venham ser utilizadas serão camufladas para manter o anonimato. Nenhum dado que possa identificar você será utilizado sem sua autorização.

Não haverá benefícios direto ao participante, entretanto, você terá **benefícios** indiretos com a divulgação dos resultados, tais como o conhecimento da temática envolvida no estudo do seu caso. Essa pesquisa permitirá a reflexão das necessidades pessoais, sociais e ambientais de atletas em relação ao seu desempenho e a sua participação em ocupações desportivas e ou paradesportivas. Trazendo benefícios para todos os participantes, como também para outros atletas e para os profissionais da saúde no que diz respeito às ações futuras de educação e de promoção da saúde. Além de favorecer o avanço científico da Terapia Ocupacional neste campo de saber, contribuindo para o ensino e o enriquecimento do processo de formação dos terapeutas ocupacionais para atuar em contexto desportivo e paradesportivo.

Sua colaboração é importante e poderá ajudar Terapeutas Ocupacionais a ampliar seus conhecimentos sobre os recursos terapêuticos ocupacionais aplicados ao desporto e paradesporto. Os resultados serão divulgados em apresentações ou publicações com fins científicos ou educativos. Você tem direito de conhecer e acompanhar os resultados dessa pesquisa.

Participar deste relato **não** implicará nenhum custo para você, e, como voluntário, você também não receberá qualquer valor em dinheiro como compensação pela participação. Você será ressarcido de qualquer custo que tiver relativo à pesquisa e será indenizado por danos eventuais de fatos comprovados, com nexos causais com o relato de caso, decorrentes da sua participação na pesquisa. Você receberá uma via deste termo com o e-mail de contato dos pesquisadores que participarão da pesquisa e do Comitê de Ética em Pesquisa que a aprovou, para maiores esclarecimentos¹. Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Instituto Federal do Rio de Janeiro, Rua Buenos Aires, 256, Cobertura, Centro, Rio de Janeiro- telefone 3293-6034 de segunda a sexta-feira, das 9 às 12 horas, ou por meio do e-mail: cep@ifrj.edu.br. O Comitê de Ética em Pesquisa é um órgão que controla as questões éticas das pesquisas na instituição e tem como uma das principais funções proteger os participantes de qualquer problema. Esse documento possui duas vias, sendo uma sua e a outra do pesquisador responsável.

Instituição: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – IFRJ
 Nome da pesquisadora responsável: Adriana Renata Sathler de Queiroz
 Tel: (21) 99829-2622 | E-mail: adriana.sathler@ifrj.edu.br

Assinatura da pesquisadora responsável

Declaro que entendi os objetivos, os riscos, os benefícios e os meus direitos como participante da pesquisa e concordo em participar.

Data ____/____/____

Nome do(a) Participante da pesquisa

Assinatura do(a) Participante

¹OBSERVAÇÃO- o TCLE, deve vir em uma só página se por acaso ultrapassar, A PRIMEIRA folha deve constar 1 de 2 e a próxima folha deve ter 2 de 2

Anexo 4 - Termo de Autorização de Uso de Imagem/voz



Ministério da Educação
Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia do Rio de Janeiro – IFRJ
Comitê de Ética em Pesquisa – CEP IFRJ

APÊNDICE D - Termo de autorização de uso de imagem/voz

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM/VOZ

Eu _____, nacionalidade _____, estado civil _____, portador da Cédula de identidade RG nº _____, inscrito no CPF sob nº _____, residente à Av/Rua _____ nº _____, município de _____/Rio de Janeiro. AUTORIZO o uso de minha imagem e/ou voz (ou nome do menor de idade, _____ sob minha responsabilidade), em fotos, vídeos e documentos, para ser utilizada em material didático e científico decorrente do projeto **“DesporTO em ação: Terapia Ocupacional no esporte e no paradesporto – relato de caso.** A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem e/ou voz acima mencionada em todo território nacional e no exterior, das seguintes formas: folder de apresentação; artigos científicos em revistas e jornais especializados; aulas em cursos de capacitação; cartazes informativos; palestras em encontros científicos; banners de congressos; mídia eletrônica (painéis, vídeos, televisão, cinema, programa para rádio e canais de divulgação na internet), desde que estejam relacionados com a divulgação do projeto e dos achados da pesquisa. Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a de outro por mim autorizado, podendo essa autorização ser retirada a qualquer momento sem prejuízo da relação entre participante e pesquisador/IFRJ, e assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma.

Assinatura do participante

Assinatura do responsável legal

Nome do(a) pesquisador(a): Adriana Renata Sathler de Queiroz

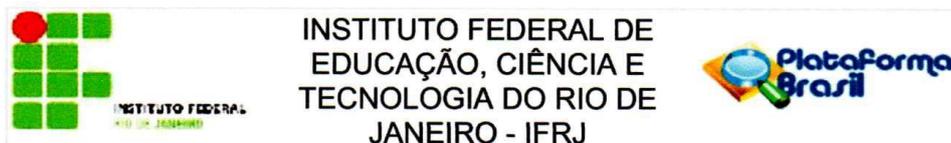
Tel: (21) 99829-2622

E-mail: adriana.sathler@ifrj.edu.br

Data: ____/____/____

Assinatura do(a) pesquisador(a)

Anexo 5 – Parecer Consubstanciado do CEP – IFRJ

**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: Desporto em Ação: Terapia Ocupacional no Desporto e no Paradesporto - Relato de Caso

Pesquisador: ADRIANA RENATA SATHLER DE QUEIROZ

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 28229619.6.0000.5268

Instituição Proponente: INSTITUTO FEDERAL DE EDUCACAO, CIENCIA E TECNOLOGIA DO RIO DE

Patrocinador Principal: INSTITUTO FEDERAL DE EDUCACAO, CIENCIA E TECNOLOGIA DO RIO DE JANEIRO

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.929.398

Apresentação do Projeto:

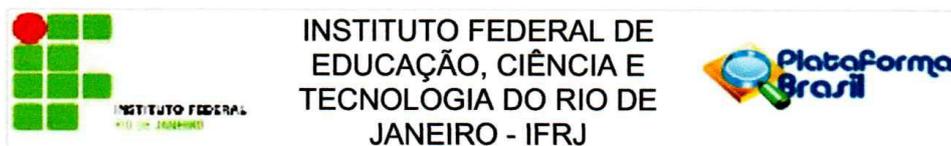
O projeto apresenta o mais recente campo de atuação da Terapia Ocupacional: o Desporto e Paradesporto. Nesse contexto, o esporte é apresentado como uma estratégia para a inclusão, participação ativa na sociedade e para o combate aos desafios impostos às pessoas com deficiências.

Por meio da teoria da adaptação ocupacional, os proponentes deste projeto de pesquisa buscam utilizar o esporte para promover a adaptabilidade, a saúde e o funcionamento ocupacional, contribuindo, assim, para uma sociedade mais inclusiva.

Para tanto, será utilizada a abordagem qualitativa para analisar os dados relativos ao acompanhamento dos atletas nos atendimentos feitos pelos terapeutas ocupacionais.

Esta pesquisa propõe um estudo do tipo relato de caso, analisados por triangulação e confrontação dos achados, através da observação e análise documental relacionado ao processo de intervenção terapêutica ocupacional aplicados ao esporte (desfecho primário) que contribuíram para a promoção da saúde, otimização do desempenho funcional e o bem estar na participação em atividades esportivas e cotidianas (desfecho secundário).

Endereço: Rua Buenos Aires, 256, cobertura
Bairro: Centro **CEP:** 20.061-002
UF: RJ **Município:** RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)3293-6034 **E-mail:** cep@ifrj.edu.br



Continuação do Parecer: 3.929.398

Objetivo da Pesquisa:

O projeto de pesquisa pretende, de forma geral, descrever sobre o processo de terapia ocupacional junto aos atletas que frequentam o projeto de extensão do IFRJ, em parceria com a Comissão de Desporto da Aeronáutica.

Os autores relatam que os objetivos específicos são as divulgações dos casos atendidos nos eventos científicos e por meio de artigos ou trabalhos de conclusão de curso.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

O risco levantado como provável é a quebra de sigilo de forma involuntária e não intencional, mas os autores reforçam o cuidado com o anonimato das informações pessoais dos atletas, bem como asseguram a não divulgação de imagens sem a autorização por escrito dos participantes da pesquisa.

Os benefícios apontados no projeto são relacionados à consolidação do novo campo de atuação da Terapia Ocupacional na área do Desporto e Paradesporto, além de contribuir com a divulgação de práticas assistivas que poderão servir para outros atletas.

Os autores relatam que os participantes desta pesquisa se beneficiarão indiretamente com a divulgação dos resultados sobre o conhecimento da temática envolvida nos estudos de caso, levando à reflexões dos atletas em relação ao seu desempenho e a sua participação em ocupações desportivas e ou paradesportivas.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa representa relevância para a Terapia Ocupacional no campo do Desporto e Paradesporto, pois divulgará sobre as avaliações e intervenções de atletas com deficiências.

Em relação aos objetivos, os proponentes definem claramente que a proposta geral é relatar os casos atendidos pelos terapeutas ocupacionais no projeto que ocorre em parceria com a Comissão de Desporto da Aeronáutica.

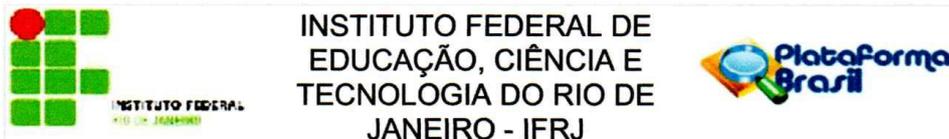
Quanto à metodologia, são apresentados o tipo de estudo, os participantes da pesquisa e critérios de seleção de forma clara. Ao analisar os procedimentos para a coleta de dados, foram abordadas as variáveis que serão utilizadas na avaliação e intervenção descritas nos prontuários dos atletas.

Sobre o cronograma apresentado, os proponentes atualizaam o início e término de cada etapa da pesquisa.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Sobre os aspectos éticos, no tópico de "materiais e métodos" abordam o TCLE, termo de assentimento, termo de consentimento livre e esclarecido do responsável e o termo do uso de

Endereço: Rua Buenos Aires, 256, cobertura
 Bairro: Centro CEP: 20.061-002
 UF: RJ Município: RIO DE JANEIRO
 Telefone: (21)3293-6034 E-mail: cep@ifrj.edu.br



Continuação do Parecer: 3.929.398

imagem.

Recomendações:

Ao final da pesquisa enviar a notificação de termino de pesquisa e do relatório final e o relatório final.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Aprovado

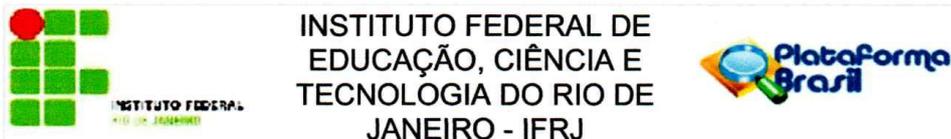
Considerações Finais a critério do CEP:

Diante do exposto, o Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, IFRJ, em reunião realizada em 23.03.2020, em concordância com a Resolução CNS 466/12 e com a Resolução 510/16, APROVA o projeto de pesquisa proposto. Recomenda-se a submissão do relatório final da pesquisa.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1295105.pdf	28/02/2020 03:35:30		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Pesquisa_Desporto_MODIFICADO.pdf	28/02/2020 03:33:59	ADRIANA RENATA SATHLER DE QUEIROZ	Aceito
Outros	Termo_USO_IMAGEM_Desporto.pdf	28/02/2020 03:19:11	ADRIANA RENATA SATHLER DE QUEIROZ	Aceito
Outros	Curriculo_Equipe_PQ_Participante.pdf	28/02/2020 02:58:54	ADRIANA RENATA SATHLER DE QUEIROZ	Aceito
Outros	Curriculo_Equipe_PQ_Responsavel.pdf	28/02/2020 02:58:33	ADRIANA RENATA SATHLER DE QUEIROZ	Aceito
Cronograma	Cronograma_MODIFICADO.pdf	28/02/2020 02:52:09	ADRIANA RENATA SATHLER DE QUEIROZ	Aceito
Outros	CARTA_DE_ENCAMINHAMENTO_Respostas_Pendencias.pdf	28/02/2020 02:46:45	ADRIANA RENATA SATHLER DE QUEIROZ	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de	TCLE_MODIFICADO.pdf	28/02/2020 02:45:36	ADRIANA RENATA SATHLER DE QUEIROZ	Aceito

Endereço: Rua Buenos Aires, 256, cobertura
 Bairro: Centro CEP: 20.061-002
 UF: RJ Município: RIO DE JANEIRO
 Telefone: (21)3293-6034 E-mail: cep@ifrj.edu.br



Continuação do Parecer: 3.929.398

Ausência	TCLE_MODIFICADO.pdf	28/02/2020 02:45:36	ADRIANA RENATA SATHLER DE QUEIROZ	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Responsavel_MODIFICADO.pdf	28/02/2020 02:45:20	ADRIANA RENATA SATHLER DE QUEIROZ	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_Assentimento_MODIFICADO.pdf	28/02/2020 02:38:02	ADRIANA RENATA SATHLER DE QUEIROZ	Aceito
Outros	Instrumento_de_coleta_de_dados_DesporTO.pdf	12/12/2019 16:41:09	ADRIANA RENATA SATHLER DE QUEIROZ	Aceito
Orçamento	Orcamento_DesporTO.pdf	12/12/2019 16:37:04	ADRIANA RENATA SATHLER DE QUEIROZ	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Declaracao_compromisso_inserir_resultados_DesporTO.pdf	12/12/2019 16:36:49	ADRIANA RENATA SATHLER DE QUEIROZ	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Termo_Anuencia_parceiroExterno_CDA.pdf	12/12/2019 16:36:36	ADRIANA RENATA SATHLER DE QUEIROZ	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Termo_ciencia_Infraestrutura_IFRJ.pdf	12/12/2019 16:36:22	ADRIANA RENATA SATHLER DE QUEIROZ	Aceito
Folha de Rosto	FolhaRosto_plataformaBrasil_Assinada.pdf	12/12/2019 16:09:11	ADRIANA RENATA SATHLER DE QUEIROZ	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

RIO DE JANEIRO, 23 de Março de 2020

Assinado por:
Angela M Bittencourt
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Buenos Aires, 256, cobertura
Bairro: Centro CEP: 20.061-002
UF: RJ Município: RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)3293-6034 E-mail: cep@ifrj.edu.br